

— Não lembro onde eu estava ou o que estava fazendo quando recebi a notícia de que meu pai tinha morrido.  
 — Certo. Você quer se aprofundar nisso?

Olhei fixamente para Theresa, sentada em sua poltrona de couro de encosto alto. Ela lembrava o sonolento Arganaz, de *Alice no País das Maravilhas*, ou um de seus amigos roedores. Theresa piscava muito atrás de seus pequenos óculos redondos e seus lábios estavam sempre franzidos. Tinha belas pernas sob uma saia de tweed na altura do joelho e belos cabelos também. Percebi que ela poderia ser bonita se quisesse, mas eu sabia que não estava interessada em nada além de parecer inteligente.

— Electra? Você está divagando de novo.

— Sim, desculpe, eu estava com a cabeça longe daqui.

— Você estava pensando em como se sentiu quando seu pai morreu?

Como eu não podia dizer a ela no que eu estava *de fato* pensando, assenti com veemência.

— Sim, isso mesmo.

— E...?

— Realmente não consigo lembrar. Desculpe.

— Parece que você ficou irritada com a morte dele, Electra. Por quê?

— Eu não fiquei irritada. Quer dizer, sinceramente, não consigo lembrar.

— Você não consegue se lembrar de como se sentiu naquele momento?

— Não.

— Certo.

Eu a vi rabiscar alguma coisa em seu bloco de notas, que devia ser algo do tipo “recusa-se a lidar com a morte do pai”. Foi o que meu último psiquiatra disse. Mas eu estava lidando com isso *muito* bem. Como aprendi ao longo dos anos, analistas gostam de encontrar uma razão para eu ser tão perturbada, então se apegam a isso como um rato agarra um

pedaço de queijo e ficam me atiçando até eu falar qualquer merda só para mantê-los felizes.

– Então, como está se sentindo em relação a Mitch?

As frases que me vieram à mente para descrever o meu ex provavelmente fariam Theresa pegar o celular e avisar aos policiais que havia uma mulher louca à solta, pronta para explodir os colhões de um dos mais famosos roqueiros do mundo. Em vez de reproduzi-las, sorri docemente.

– Estou bem. Já superei.

– Você estava muito irritada na última vez em que veio aqui, Electra.

– Sim, mas já estou bem. De verdade.

– Essa é uma boa notícia. E quanto à bebida? Já consegue se controlar melhor?

– Sim – menti novamente. – Olhe, eu preciso correr para uma reunião.

– Ainda estamos no meio da sessão.

– Eu sei, é uma pena, mas é a vida – afirmei, levantando-me e caminhando em direção à porta.

– Vamos marcar outro horário para você esta semana? Fale com a Marcia quando sair.

– Vou fazer isso, obrigada – respondi, já fechando a porta.

Passei direto por Marcia, a recepcionista, e me dirigi ao elevador, que chegou quase imediatamente. Enquanto descia, fechei os olhos – odeio espaços confinados – e apoiei a testa quente contra o frio mármore.

*Putz, pensei, o que está acontecendo comigo? Estou tão perturbada que nem consigo dizer a verdade à minha própria terapeuta!*

*Você está muito envergonhada para contar a verdade a qualquer pessoa... e ela nunca entenderia, ainda que você contasse, argumentei comigo mesma. Ela provavelmente mora em um lugar bonito, com seu marido advogado, tem dois filhos e uma geladeira coberta de ímãs fofof exibindo as obras de arte que as crianças fizeram. Ah, acrescentei para mim mesma enquanto entrava na limusine, e uma daquelas fotos que dão vontade de vomitar, mamãe e papai com os filhotes, todos usando roupas combinando, que ampliaram até ficar gigantesca e penduraram atrás do sofá.*

– Para onde, senhora? – perguntou o motorista pelo interfone.

– Casa – respondi, antes de pegar uma garrafa de água do frigobar, fechando-o rapidamente antes que me sentisse tentada a explorar as opções alcoólicas.

Eu estava com uma dor de cabeça tão forte que nenhuma quantidade de analgésico fora capaz de resolver, e já passava das cinco da tarde. Mas a festa da noite anterior tinha sido ótima, pelo menos a parte que eu conseguia recordar. Maurice, meu novo melhor amigo designer, estava na cidade e apareceu para tomar alguns drinques com uns caras de Nova York com quem ele costumava sair, que então chamaram outras pessoas...

Não me lembro de ter transado e fiquei surpresa ao encontrar um estranho ao meu lado quando acordei. Pelo menos ele era bem bonito e, depois que estabelecemos contato íntimo outra vez, perguntei a ele seu nome. Fernando trabalhava como entregador de um Walmart na Filadélfia até alguns meses antes, quando um cliente fashionista o notou e lhe pediu que ligasse para um amigo em uma agência de modelos de Nova York. Ele disse que ficaria feliz em me acompanhar a algum tapete vermelho em breve – já aprendi, da maneira mais difícil, que uma foto de braços dados comigo faria a carreira do Sr. Walmart decolar –, então me livreí dele assim que pude.

*E daí se você tivesse contado a verdade à Sra. Arganaz, Electra? E daí se você tivesse admitido que ontem à noite ficou tão louca de bebida e cocaína que poderia ter dormido com o Papai Noel e nem se lembrar disso? Que não é por causa da morte do seu pai que você não consegue nem começar a pensar nele, mas porque sabe quanto você o deixaria envergonhado... quanto você o deixou envergonhado?*

Pelo menos quando Pa Salt estava vivo, eu sabia que ele não podia ver o que eu andava fazendo, mas, agora que estava morto, de alguma forma se tornara onipresente. Talvez ele tivesse estado no quarto comigo na noite anterior ou mesmo ali na limusine, naquele momento...

Cedi aos meus impulsos, peguei uma minivodca e bebi depressa, tentando esquecer o olhar de decepção no rosto de Pa na última vez em que o vi, antes de sua morte. Ele viera a Nova York me visitar, dizendo que tinha algo para me contar. Eu o evitei até a última noite possível, quando concordei, com relutância, em jantar com ele. Cheguei ao Asiate, um restaurante do outro lado do Central Park, já bêbada de vodca e coisas piores. Fiquei sentada na frente dele, entorpecida, indo ao toailete para usar cocaína sempre que ele tentava iniciar alguma conversa que eu não queria ter.

Depois que a sobremesa chegou, Pa cruzou os braços e me olhou com calma.

– Estou muito preocupado com você, Electra. Você parece estar completamente ausente.

– Você não entende a pressão que estou sofrendo – rebati. – Como é difícil ser eu!

Para meu total remorso, eu agora só tinha vagas lembranças do que acontecera em seguida, do que ele dissera, mas sabia que tinha me levantado e saído. Então nunca vou saber sobre o que ele queria falar..

– Por que você se importa, Electra? – perguntei a mim mesma enquanto enxugava a boca e enfiava a garrafa vazia no bolso, pois meu motorista era novo e tudo o que eu não precisava era de uma história em algum jornal dizendo que bebi o minibar inteiro. – Ele nem era seu verdadeiro pai.

Além disso, não havia mais nada que eu pudesse fazer a respeito. Pa se fora – assim como todo mundo que eu amei na vida – e eu tinha que aceitar o fato. Eu não precisava dele, não precisava de mais ninguém...

– Chegamos, senhora – disse o motorista pelo interfone.

– Obrigada. Vou descer – agradei e saí, fechando a porta da limusine.

Era melhor chegar a qualquer lugar da maneira mais discreta possível. Outras celebridades usavam disfarces para ir a algum restaurante local, mas eu tinha mais de 1,80 metro e seria muito difícil passar despercebida, mesmo se não fosse famosa.

– Oi, Electra!

– Tommy – cumprimentei, conseguindo sorrir enquanto passava por baixo da marquise em direção à entrada do meu prédio. – Como vai?

– Melhor agora, senhora. Teve um bom dia?

– Sim, ótimo, obrigada – respondi, baixando os olhos... baixando *bastante*, para encarar o meu fã número 1. – Vejo você amanhã, Tommy.

– Com certeza, Electra. Não vai sair hoje à noite?

– Não, vai ser uma noite calma. Tchauzinho – falei, acenando e entrando.

*Pelo menos ele me ama*, pensei, enquanto recolhia minha correspondência com o concierge e me dirigia ao elevador. Conforme o carregador me acompanhava, simplesmente porque era seu trabalho (pensei em lhe dar as minhas chaves para segurar, pois era só isso que eu carregava), fiquei refletindo sobre Tommy. Ele ficara de sentinela do lado de fora do prédio em quase todos os dias dos últimos meses. No início, isso me deixou assustada e pedi ao concierge que se livrasse dele. Tommy se manteve firme e disse que tinha o direito de ficar na calçada, que não estava incomodando ninguém e

que tudo o que queria era me proteger. O concierge me incentivou a ligar para a polícia e acusá-lo de perseguição, mas certa manhã decidi perguntar a ele qual era seu nome completo e pesquisei na internet. Descobri no Facebook que ele era veterano do Exército, ganhara medalhas por bravura no Afeganistão e tinha esposa e filha no Queens. Depois disso, passei até a me sentir segura em vez de ameaçada. Além do mais, ele era sempre respeitoso e educado, então pedi ao concierge que o deixasse em paz.

O carregador saiu do elevador e me deu passagem. Então fizemos um tipo de dança na qual eu precisava recuar para que ele pudesse me conduzir até a cobertura, abrindo a porta com a própria chave mestra.

– Pronto, Srta. D’Aplièse. Tenha uma boa noite.

Ele acenou com a cabeça e eu não vi uma gota de afeto em seus olhos. Eu sabia que a equipe dali desejava que eu desaparecesse em meio à fumaça de qualquer chaminé inexistente. Quase todos os outros moradores viviam no edifício desde que eram fetos na barriga de suas mães, numa época em que seria um privilégio uma mulher negra como eu conseguir ser uma empregada em suas casas. Eles eram todos proprietários, enquanto eu era uma plebeia: uma inquilina, embora rica, com permissão de entrar devido a um contrato de aluguel, pois a antiga moradora morrera e seu filho reformara o local e tentara vendê-lo a um preço exorbitante. Como aconteceu uma coisa chamada crise do *subprime*, ele não conseguiu. Em vez disso, foi obrigado a alugar para quem estivesse disposto a pagar mais: eu. O preço era uma loucura, mas o apartamento também, cheio de arte moderna e todo tipo de dispositivo eletrônico que se pudesse imaginar (eu nem sabia como usar a maioria deles), e a vista para o Central Park era deslumbrante.

Se eu precisasse de alguma confirmação do meu sucesso, o apartamento seria o lembrete ideal. *Mas o que ele mais me lembra*, pensei ao me afundar no sofá que poderia ser uma cama confortável para pelo menos dois adultos, *é de quanto estou sozinha*. Seu tamanho chegava a me fazer sentir pequena, frágil... e, ali em cima, bem no topo do edifício, muito, muito isolada.

Meu celular tocou em algum lugar do apartamento, com a música que fez de Mitch um astro mundial; eu tinha tentado mudar o toque, mas não conseguira. *Se Ceci é disléxica com palavras, então eu certamente sou disléxica com eletrônicos*, pensei enquanto ia buscar o aparelho no quarto. Fiquei aliviada ao ver que a empregada havia trocado os lençóis da cama enorme e tudo estava perfeito novamente. Eu gostava da nova empregada que minha assis-

tente havia conseguido; ela assinara um acordo de confidencialidade, como todas as outras, para que não comentasse com a mídia sobre meus hábitos desagradáveis. Mesmo assim, estremei ao pensar no que ela – Lisbet? – teria pensado quando entrou no meu apartamento de manhã.

Sentei na cama e ouvi minhas mensagens de voz. Cinco eram da minha agente, pedindo que ligasse de volta com urgência para falar sobre a sessão de fotos do dia seguinte, para a *Vanity Fair*, e a última mensagem era de Amy, minha nova assistente. Ela estava comigo havia três meses, mas eu já gostava dela.

*“Oi, Electra, aqui é Amy. Eu... bem, eu só queria dizer que gostei muito de trabalhar para você, mas acho que não vai funcionar a longo prazo. Entreguei minha carta de demissão hoje à sua agente, desejo a você sorte no futuro e...”*

– MERDA! – gritei enquanto pressionava o botão para apagar a mensagem, e atirei o celular do outro lado do quarto. – O que foi que eu fiz para ela?! – perguntei ao teto, me questionando por que me sentia tão chateada por uma pessoa que não era ninguém, que caíra de joelhos e me implorara para lhe dar uma chance, ter me abandonado três meses depois.

– Meu sonho é entrar no mundo da moda, desde que eu era criança. Por favor, Srta. D’Aplièse, vou trabalhar noite e dia, vou viver para você e juro que nunca vou decepcioná-la – falei, imitando o sotaque chorão do Brooklyn da moça enquanto ligava para minha agente.

Havia apenas três coisas sem as quais eu não conseguia viver: vodca, cocaína e uma assistente pessoal.

– Oi, Susie, acabei de saber da demissão da Amy.

– Sim, é um problema. Ela estava aprendendo direitinho – comentou Susie, com seu sotaque britânico frio e profissional.

– Pois é, eu também achei que estivesse. Sabe por que ela tomou essa decisão?

Houve um silêncio antes de ela responder:

– Não. De qualquer forma, vou falar com Rebekah sobre o assunto. Com certeza teremos um candidato até o fim da semana. Recebeu minhas mensagens?

– Recebi.

– Bem, não se atrase amanhã. Eles querem fotografar com o sol nascendo. Um carro vai buscá-la às quatro da manhã, está bem?

– Certo.

- Ouvi dizer que você foi a uma festança ontem à noite.
- Foi divertido.
- Bem, nada de festas hoje, Electra. Você precisa estar descansada amanhã. É para uma foto de capa.
- Não se preocupe, vou para a cama às nove, como uma boa menina.
- Ok. Desculpe, estou com o Lagerfeld na outra linha. Rebekah entrará em contato com uma lista de possíveis assistentes pessoais. *Ciao*.
- *Ciao* – repeti, quando ela desligou.

Susie era uma das únicas pessoas no planeta que ousariam desligar na minha cara. Era a agente de modelos mais poderosa de Nova York e gerenciava todos os grandes nomes do setor. Ela me descobriu quando eu tinha 16 anos. Na época, eu trabalhava como garçomete em Paris, depois de ter sido expulsa da terceira escola em três anos. Tão logo voltei para casa, eu disse a Pa que seria inútil tentar encontrar outra escola para mim, porque eu só acabaria sendo expulsa de lá também. Para minha surpresa, ele não discutiu.

Também me lembrei de como me surpreendi por ele não ter ficado ainda mais irritado diante de outro fracasso meu. E talvez meio desapontada também, o que diminuiu a minha arrogância.

- Pensei em viajar ou algo assim – sugeri. – Aprender com as experiências da vida.

- Concordo que a maior parte do que você precisa saber para ser bem-sucedida não depende necessariamente do processo acadêmico – disse ele –, mas, como você é tão inteligente, eu esperava que pelo menos obtivesse algumas qualificações. É muito nova para viajar sozinha. O mundo é muito grande, Electra.

- Eu sei me cuidar, Pa – respondi com firmeza.
- Tenho certeza disso, mas como vai custear suas viagens?
- Vou conseguir um emprego, é claro – respondi, dando de ombros. – Pensei em ir a Paris primeiro.
- Excelente escolha – assentiu Pa. – É uma cidade incrível.

Enquanto eu o observava do outro lado de sua grande mesa no escritório, achei que ele parecia quase sonhador e triste. Sim, definitivamente triste.

- Bem – continuou ele –, por que não fazemos um acordo? Você quer largar a escola, o que eu entendo, mas estou preocupado com a minha filha caçula rodando o mundo tão jovem. Marina tem alguns contatos em Paris.

Ela pode ajudar você a encontrar um lugar seguro onde ficar. Passe o verão lá, depois nos reencontramos e decidimos sobre seu próximo passo.

– Ok, me parece um bom plano – concordei, ainda espantada por ele não ter insistido mais para eu estudar.

Quando me levantei para sair, já havia concluído que ou ele desistira de mim ou estava me dando corda suficiente para eu me enforçar sozinha. De qualquer forma, Ma ligou para alguns conhecidos e eu acabei em um pequenino e agradável apartamento com vista para os telhados de Montmartre. Era minúsculo, eu tinha que compartilhar o banheiro com um monte de estudantes de intercâmbio que queriam melhorar o francês, mas era a *minha* casa.

Eu me lembrei do sabor delicioso de independência que provei em meu minúsculo quarto na noite em que cheguei e percebi que não havia ninguém para me dizer o que fazer. Também não havia ninguém para cozinhar para mim, então fui a um café próximo, sentei-me à mesa do lado de fora e acendi um cigarro enquanto examinava o cardápio. Pedi sopa de cebola e uma taça de vinho, e o garçom nem pestanejou por eu estar fumando e bebendo. Três taças de vinho depois, estava confiante o suficiente para ir até o gerente e perguntar se ele tinha vagas para garçonete. Em vinte minutos, eu já havia caminhado as centenas de metros de volta ao meu apartamento com um emprego garantido. Um dos momentos de maior orgulho foi quando liguei para meu pai de um telefone público no corredor, na manhã seguinte. Para ser justa, ele se mostrou tão extasiado quanto no dia em que minha irmã Maia conseguira uma vaga na Sorbonne.

Quatro semanas depois, servi a mesa de Susie, agora minha agente de modelos, levando um *croque monsieur*, e o resto já sabemos...

*Por que estou relembrando o passado o tempo todo?*, me perguntei enquanto pegava o celular para ouvir as outras mensagens. *E por que fico pensando em Pa...?*

– Mitch... Pa... – murmurei enquanto esperava o correio de voz revelar seus segredos. – Eles se foram, Electra, junto com Amy, e você só precisa seguir em frente.

*“Minha querida Electra! Como você está? Estou em Nova York mais uma vez... O que você vai fazer esta noite? Que tal compartilhar uma garrafa de champanhe Cristal e um macarrão chow mein dans ton lit avec moi? Estou ansioso para vê-la. Me ligue assim que puder.”*



Apesar do mau humor, não pude deixar de sorrir. Zed Eszu era um enigma em minha vida. Era extremamente rico, conhecia muita gente importante e, apesar de ser baixinho e não fazer muito o meu tipo, era incrível na cama. A gente se via com regularidade havia três anos. Terminei tudo quando resolvi levar Mitch a sério, mas tínhamos voltado havia algumas semanas e eu não duvidava de que ele tinha inflado meu ego do jeito que precisava.

Estávamos apaixonados? A resposta era um enorme não, pelo menos de minha parte, mas éramos do mesmo círculo de amigos em Nova York e, o melhor de tudo, quando estávamos sozinhos, conversávamos em francês. Como Mitch, ele não ficava impressionado pelo fato de eu ser famosa, o que era raro atualmente e, de alguma maneira, reconfortante.

Olhei para o telefone, pensando se deveria ignorar Zed e seguir as instruções de Susie para dormir cedo ou se ligava para ele e desfrutava de alguma companhia. Foi uma decisão fácil: liguei para Zed e o chamei para vir. Enquanto esperava, tomei banho e vesti meu quimono de seda favorito, que fora desenhado especialmente para mim por um promissor ateliê japonês. Então bebi o que me pareceu ser um galão de água para neutralizar qualquer coisa ruim que eu pudesse ingerir quando ele chegasse.

Interfonaram para anunciar a chegada de Zed e eu liberei sua entrada. Ele apareceu com um buquê gigante de minhas rosas brancas favoritas e a prometida garrafa de champanhe Cristal.

– *Bonsoir, ma belle Electra* – disse ele em seu francês com sotaque, me passando as flores e a bebida e me beijando no rosto. – *Comment ça va?*

– Estou bem – respondi, olhando para a garrafa com avidez. – Posso abrir?

– Acho que essa função é minha. Posso tirar meu casaco primeiro?

– Claro.

– Antes... – falou ele, enfiando a mão no bolso do paletó e me entregando uma caixinha de veludo. – Vi isso e me lembrei de você.

– Obrigada – agradei, sentando-me no sofá e cruzando as pernas irritantemente longas enquanto encarava a caixinha como uma criança eufórica.

Zed costumava me dar presentes. Ironicamente, apesar de ser rico, eles quase nunca eram chamativos, mas sempre interessantes e escolhidos com cuidado. Abri e vi um anel. O formato da pedra era oval, com um suave tom amarelo-amanteigado.

– É âmbar – explicou ele enquanto me observava estudando a maneira como a pedra captava a luz do lustre acima de nossa cabeça. – Experimente.

– Em qual dedo devo colocá-lo? – provoquei, erguendo os olhos para fitá-lo.

– No que você preferir, *ma chère*, mas, se eu quisesse pedir sua mão em casamento, acho que faria um esforço um pouco maior do que esse. Tenho certeza de que você sabe que seu nome tem relação com o âmbar.

– É mesmo? Não, eu não sabia. – Eu o observei estourando o champanhe. – Que relação é essa?

– Bem, a palavra grega para âmbar era “elétron” e, segundo a lenda, os raios do sol foram presos dentro da pedra. Um filósofo grego notou que, se esfregasse duas pedras uma na outra, esse atrito criava energia... Seu nome não poderia ser mais adequado – disse ele, me oferecendo uma taça de champanhe.

– Você está dizendo que eu crio atrito? – Retribuí o sorriso. – A questão é: eu me transformei em meu nome ou ele se transformou em mim? *Santé*.

– *Santé*.

Brindamos e ele se sentou ao meu lado.

– Hum...

– Você deve estar pensando: será que ele trouxe outro presente?

– Uhum.

– Então olhe embaixo do forro da caixa.

Eu olhei e, claro, enfiado sob o veludo fino que segurava o anel havia um pequeno pacote plástico.

– Obrigada, Zed – disse enquanto abria o pacote e mergulhava um dedo em seu conteúdo, como uma criança com um pote de chocolate cremoso.

Então, esfreguei um pouco na gengiva.

– Boa, não é? – comentou ele enquanto eu derramava um pouco em cima da mesa, separava o canudo curto do pacote e dava uma boa aspirada.

– Hum, muito – concordei. – Quer um pouco?

– Você sabe que não. Como tem passado?

– Ah... tudo bem.

– Não foi muito convincente, Electra. E você parece cansada.

– Tenho andado ocupada – respondi, sorvendo um grande gole do meu champanhe. – Eu estava fotografando em Fiji na semana passada e vou para Paris na semana que vem.

– Talvez você deva desacelerar um pouco. Dar um tempo.  
– Diz o cara que passa mais noites dormindo em seu jatinho do que na cama – provoquei.

– Então talvez nós dois devêssemos desacelerar. Posso convidá-la para passar uma semana no meu iate? Vai ficar ancorado em Santa Lúcia pelos próximos dois meses, antes de eu navegar para o Mediterrâneo, no verão.

– Bem que eu gostaria. – Suspirei. – Estou com a agenda lotada até junho.

– Junho, então. Podemos navegar pelas ilhas gregas.

– Talvez – respondi, dando de ombros, sem levá-lo a sério.

Quando estávamos juntos, Zed frequentemente fazia planos que acabavam nunca se concretizando e, para ser sincera, eu nem gostaria que se concretizassem. Ele era uma ótima companhia para uma noite e alguns atos físicos, porém, se fosse além disso, já começava a me irritar com sua meticulosidade e sua inacreditável arrogância.

O interfone tocou novamente e Zed se levantou para atender.

– Mande subir imediatamente, obrigado. – Ele nos serviu mais um pouco de champanhe. – Vamos jantar comida chinesa e prometo que será o melhor *chow mein* que você já provou. – Ele sorriu. – Como estão suas irmãs?

– Não sei. Ultimamente tenho estado muito ocupada para ligar para elas. Ally teve um bebê, um menino. O nome dele é Bear, como um ursinho, o que achei muito fofo. Por falar nisso, devemos nos reunir em junho, em Atlantis. Vamos no barco de Pa até as ilhas gregas para colocar uma coroa de flores onde Ally acredita que o caixão dele foi jogado no mar. Seu pai foi encontrado em uma praia ali perto, não foi?

– Sim, mas, assim como você, não quero pensar na morte dele porque isso me perturba – respondeu Zed, bruscamente. – Eu só penso no futuro.

– Eu sei, mas é tanta coincidência...

A campainha tocou e Zed foi abrir a porta.

– Aqui, Electra – disse ele, carregando duas caixas para a cozinha. – Venha me ajudar com isso.

## 2

Voltei do ensaio no dia seguinte, tomei um banho quente e me deitei na cama com uma garrafa de vodca. Eu estava me sentindo totalmente acabada – qualquer um que pensasse que modelos recebiam uma fortuna apenas para passear com belas roupas deveria tentar ser eu por um dia. Começar o dia às quatro da manhã, ter seis trocas de cabelos, roupas e maquiagem em um armazém congelante em algum lugar no centro da cidade *não era* nada fácil. Nunca reclamei publicamente – quer dizer, eu não estava trabalhando em uma fábrica de roupas na China e era muito bem paga pelo meu trabalho –, mas cada um tinha a própria realidade e às vezes, mesmo sendo um problema de pobre menina rica, as pessoas podiam reclamar para si mesmas, não?

Aquecida pela primeira vez naquele dia, eu me deitei sobre os travesseiros e verifiquei minhas mensagens de voz. Havia quatro só de Rebekah, a secretária de Susie, dizendo que tinha enviado um e-mail com alguns currículos de assistentes pessoais e que eu deveria dar uma olhada assim que pudesse. Eu estava lendo todos no meu notebook quando meu celular tocou e vi que era a própria Rebekah.

– Estou conferindo os currículos agora – avisei, antes que ela pudesse falar.

– Ótimo, obrigada, Electra. Na verdade, estou ligando porque há uma garota que seria perfeita para você, mas ela recebeu outra oferta e precisa dar uma resposta até amanhã. Tudo bem se ela aparecer aí no início da noite para vocês conversarem?

– Acabei de chegar da sessão da *Vanity Fair*, Rebekah, e...

– Você deveria vê-la, Electra. Ela tem ótimas referências. Era assistente de Bardin, e você sabe como ele é difícil. Quer dizer... – prosseguiu Rebekah, apressadamente. – Ela está acostumada a trabalhar sob pressão para clientes de alto nível do mundo da moda. Posso mandá-la até aí?

– Tudo bem.

Suspirei, sem querer parecer tão “difícil” quanto ela obviamente pensava que eu era.

– Ótimo, vou avisá-la. Ela vai ficar emocionada. É uma das suas maiores fãs.

– Certo, ótimo. Diga a ela para vir às seis.

Às seis em ponto interfonaram da portaria para informar que minha convidada havia chegado.

– Pode mandar subir – respondi, exausta.

Eu não estava ansiosa por aquela conversa. Desde que Susie sugerira que eu precisava de ajuda para organizar minha vida, inúmeras jovens tinham se candidatado, ansiosas para trabalhar, cheias de entusiasmo, mas foram embora poucas semanas depois.

– Eu sou uma pessoa difícil? – perguntei ao espelho enquanto me certificava de que não tinha nada preso entre os dentes. – Talvez. Mas isso não é novidade, é? – acrescentei, terminando minha vodca e dando uma ajeitada no cabelo.

Stefano, meu cabeleireiro, havia recentemente trançado meu cabelo bem rente ao couro cabeludo para prender longas extensões. Eu sempre ficava com a cabeça doendo depois de colocá-las.

Ouvi uma batida e fui atender, imaginando o que me esperava do outro lado. Qualquer expectativa certamente não batia com aquela figura pequena e arrumada, vestida em um tailleur marrom liso, com uma saia longa demais, logo abaixo dos joelhos. Meus olhos foram até seus pés, calçados com um par de sapatos marrons que Ma chamaria de “práticos”. O mais surpreendente era que ela estava usando um lenço na cabeça, enrolado firmemente na testa e no pescoço. Vi que seu rosto era impecável: nariz pequeno, maçãs do rosto salientes, lábios rosados e uma tez clara, cor de café com leite.

– Olá. – Ela sorriu para mim e seus lindos olhos castanho-escuros se iluminaram. – Meu nome é Mariam Kazemi e é um grande prazer conhecê-la, Srta. D’Aplièse.

Eu amei o tom de voz dela – na verdade, se estivesse à venda, eu o compraria, pois era grave e modulado, derramando-se suavemente como mel.

– Olá, Mariam, entre.

– Obrigada.

Enquanto eu caminhava a passos largos em direção ao sofá, Mariam

Kazemi se demorou um pouco. Ela fez uma pausa para analisar os caríssimos salpicos e rabiscos nas telas penduradas nas paredes e percebi por sua expressão que, assim como eu, ela não tinha gostado deles.

– O proprietário os deixou aí. – Senti uma inexplicável obrigação de me explicar. – Quer tomar alguma coisa? Água, café, chá, algo mais forte?

– Ah, não, eu não bebo. Quer dizer, bebo, mas não álcool. Adoraria um pouco de água, se não for muito trabalho.

– Claro – respondi enquanto seguia para a cozinha.

Eu estava pegando uma garrafa de água Evian na geladeira quando ela apareceu ao meu lado.

– Imaginei que algum empregado fizesse esse tipo de coisa.

– Eu tenho uma empregada, mas, na maior parte do tempo, fico sozinha.

Aqui está.

Entreguei-lhe a água. Ela caminhou até a janela e olhou para fora.

– A senhorita mora bem no alto.

– É verdade – concordei, percebendo que estava completamente surpresa com a atitude daquela mulher, que exalava calma como se fosse um perfume e não parecia nem um pouco impressionada por me conhecer ou pela cobertura onde eu morava.

Normalmente as candidatas pulavam de emoção e faziam mil promessas.

– Vamos nos sentar? – sugeri.

– Sim, obrigada.

– Então – comecei, quando estávamos acomodadas na sala de estar –, me disseram que você trabalhou para Bardin.

– Sim, sim.

– Por que pediu demissão?

– Recebi uma oferta que poderia ser melhor para mim.

– Não foi porque ele era difícil?

– Ah, não. – Mariam riu. – Ele não era nada difícil, mas há pouco tempo voltou a morar em Paris, e eu continuo aqui. Ainda somos excelentes amigos.

– Bom. Quer dizer, isso é ótimo. Por que você está interessada em trabalhar para mim?

– Porque sempre admirei o seu trabalho.

*Uau, pensei. Não é sempre que ouço alguém chamando o que eu faço de “trabalho”.*

– Obrigada.

– Acho que é um verdadeiro dom saber criar uma personalidade que complementa os produtos anunciados.

Eu a observei abrir sua mochila marrom, que era definitivamente mais “escolar” do que a “última moda”, e me entregar seu currículo.

– Imaginei que a senhorita não tivesse tido tempo para ler meu currículo.

– Não li, de fato – concordei enquanto examinava os detalhes da vida dela, extraordinariamente breves e diretos. – Então você não fez faculdade?

– Não, minha família não teve como pagar. Na verdade, para ser sincera... – Ela ergueu a mãozinha delicada e esfregou o nariz. – Havia a possibilidade, sim, mas somos seis filhos, e não teria sido justo com os outros se eu tivesse ido, e eles não.

– Também tenho cinco irmãs! E não fiz faculdade.

– Bem, pelo menos temos algo em comum.

– Eu sou a caçula.

– E eu sou a mais velha – disse Mariam, sorrindo.

– Você tem 26 anos?

– Sim.

– Temos a mesma idade – constatei, sentindo, por alguma razão desconhecida, certo prazer por ter coisas em comum com aquele ser humano tão singular. – O que você fez quando saiu da escola?

– Trabalhei em uma floricultura durante o dia e frequentei um curso de administração à noite. Posso obter uma cópia do meu certificado de qualificação, se você precisar. Entendo de informática, sei criar planilhas e minha digitação é... bem, eu não sei a velocidade exata, mas sou bem rápida.

– Esse não é um dos meus principais requisitos, nem as planilhas. Meu contador cuida de todas as finanças.

– Ah, mas meus conhecimentos podem ser muito úteis em um papel organizacional também. Eu poderia planejar em detalhes o seu mês inteiro em um piscar de olhos.

– Se você fizer isso, é capaz de eu querer fugir – brinquei. – Vivo um dia de cada vez. É a única maneira que consigo dar conta de tudo.

– Entendo perfeitamente, Srta. D’Aplièse, mas é meu trabalho organizar mais do que isso. Com Bardin, eu botava até a lavanderia na planilha e resolvíamos juntos o que ele usaria em cada evento, até a cor de suas meias,

que muitas vezes não combinavam de propósito – revelou Mariam, com uma risadinha, que me fez rir também.

– Você disse que ele é legal?

– Sim, é maravilhoso.

Verdade ou não, aquela garota tinha integridade. Incontáveis vezes, candidatas a assistente pessoal falaram mal de seus antigos empregadores. Talvez achassem justo me explicar em detalhes por que os haviam deixado, mas eu apenas pensava no que poderiam falar a meu respeito no futuro.

– Antes que me pergunte, saiba que sou muito discreta. – Mariam pareceu ter lido meus pensamentos. – Já notei que as histórias que circulam sobre celebridades, em nossa área, muitas vezes são falsas. É interessante...

– O quê?

– Não, nada.

– Por favor, diga.

– Bem, acho fascinante que, enquanto grande parte do mundo deseja a fama, a fama traga tantos problemas, até onde eu vi. As pessoas acham que vão ter o direito de fazer ou ser o que quiserem, mas na realidade elas perdem o bem mais precioso que nós, humanos, temos, que é a liberdade. A *sua* liberdade – acrescentou ela.

Eu a olhei com surpresa. Tive a sensação de que, apesar de tudo que eu possuía, ela sentia pena de mim. Não de forma condescendente, mas de maneira solidária e afetuosa.

– Sim, eu perdi a minha liberdade. Na verdade – declarei àquela completa estranha –, sou bem paranoica com o fato de que alguém me veja fazendo a coisa mais simples do mundo e a transforme em matéria só para vender jornal.

– Não é uma boa maneira de se viver, Srta. D’Aplièse. – Mariam balançou a cabeça solenemente. – Agora, sinto muito, preciso ir. Prometi à minha mãe que cuidaria do meu irmãozinho enquanto ela e meu pai estão fora.

– Certo. Essa função de babá... quer dizer, é uma coisa que você faz com regularidade?

– Ah, não, de jeito nenhum. E por isso mesmo é importante que eu chegue na hora hoje. É aniversário da mamãe, e a piada que corre na família é que a última vez que papai a levou para jantar foi quando ele pediu a mão dela em casamento, 28 anos atrás! Compreendo que, se a senhorita me aceitar, precisará de mim 24 horas por dia.



– E sabe que haverá muitas viagens ao exterior?

– Sim, isso não é problema. Não tenho nenhum compromisso romântico. Agora, se me der licença... – Ela se levantou. – Foi um prazer conhecê-la, Srta. D’Aplièse, mesmo que terminemos não trabalhando juntas.

Eu a observei se virar e caminhar em direção à porta. Mesmo em suas roupas feias, ela tinha uma graça natural, algo que um fotógrafo chamaria de “presença”. Apesar de a entrevista ter levado cerca de quinze minutos e eu não ter feito a ela um décimo das perguntas que deveria, eu realmente, *realmente*, queria Mariam Kazemi e sua maravilhosa sensação de calma em minha vida.

– Escute, se eu lhe oferecesse o emprego agora, você aceitaria? Quer dizer – acrescentei, pulando do sofá para segui-la até a porta –, eu sei que você recebeu outra proposta e precisa responder até amanhã...

Ela parou por alguns instantes, depois se virou para mim e sorriu.

– Claro, eu aceitaria, sim. Acho que a senhorita é uma pessoa adorável, com uma alma boa.

– Quando você pode começar?

– Na semana que vem, se for do seu agrado.

– Combinado!

Estendi a mão e, depois de hesitar alguns segundos, Mariam a apertou.

– Combinado – repetiu ela. – Agora eu preciso mesmo ir.

– Claro.

Ela abriu a porta e eu a segui até o elevador.

– Você já conhece os procedimentos, mas vou mandar Rebekah escrever uma oferta formal de emprego e enviá-la para você de manhã.

– Combinado – disse ela, quando as portas do elevador se abriram.

– A propósito, que perfume você está usando? É bem agradável.

– Na verdade, é óleo corporal, e eu mesma faço. Até logo, Srta. D’Aplièse. As portas do elevador se fecharam e Mariam Kazemi se foi.



As referências de Mariam não apenas estavam corretas, como lhe faziam muitos elogios, então na quinta-feira seguinte nós duas embarcamos em um jato particular do aeroporto de Teterboro, em Nova Jersey, e seguimos para Paris. Para a viagem, a única alteração em seu vestuário foi a troca

da saia por uma calça bege. Eu a observei se acomodar na cabine e tirar o notebook da mochila.

– Você já voou em um jato particular antes? – perguntei.

– Ah, sim, Bardin não usava outra coisa. Agora, Srta. D’Aplièse...

– Electra, por favor.

– Electra – corrigiu-se ela. – Preciso lhe perguntar se você prefere descansar um pouco durante o voo ou se gostaria de usar o tempo para repassar algumas coisas comigo.

Dado o fato de que eu e Zed ficamos juntos até as quatro da manhã, escolhi a primeira opção e, assim que decolamos, pressionei o botão que transformava meu assento em um leito, coloquei minha máscara nos olhos e adormeci.

Acordei três horas depois, sentindo-me revigorada – tinha bastante prática em dormir em aviões –, e espiei por um canto da máscara para ver o que minha nova assistente estava fazendo. Ela não se encontrava em seu assento, então imaginei que devia estar no banheiro. Tirando a máscara, sentei-me e, para minha surpresa, vi o traseiro de Mariam virado para mim no corredor estreito entre os assentos. *Talvez ela esteja praticando ioga*, pensei, vendo que ela estava de quatro, com a cabeça inclinada para o chão, no que parecia uma variação da postura da criança. Então eu a ouvi murmurando baixinho e, quando ela ergueu as mãos e a cabeça levemente, percebi que estava rezando. Constrangida por estar observando um ato tão pessoal, desviei os olhos e fui ao toailete. Quando voltei, Mariam estava em seu assento, digitando em seu notebook.

– Dormiu bem? – perguntou ela, com um sorriso.

– Sim, e agora estou com fome.

– Eu tinha pedido que providenciassem sushi. Susie me disse que é o seu prato favorito nas viagens.

– Obrigada. É mesmo.

A comissária de bordo já tinha aparecido ao meu lado.

– Posso ajudá-la, Srta. D’Aplièse?

Fiz meu pedido – frutas frescas, sushi e meia garrafa de champanhe – e depois me virei para Mariam:

– Você não vai comer?

– Já comi, obrigada.

– Você fica nervosa ao voar?

Ela franziu o cenho.

– Não, de maneira alguma. Por quê?

– Quando acordei, vi que você estava rezando.

– Ah. – Ela riu. – Isso não é porque estou nervosa, é porque é meio-dia em Nova York, quando eu sempre faço uma oração.

– Certo, uau, eu não sabia que era obrigatório.

– Por favor, não se preocupe, Electra, não é sempre que você vai me ver em oração. Costumo encontrar um espaço privado e discreto, mas aqui...

– Ela gesticulou, mostrando a cabine apertada. – Não dá para fazer isso no toalete.

– Você tem que rezar todos os dias?

– Ah, sim, cinco vezes, na verdade.

– Uau, isso não a atrapalha?

– Nunca pensei dessa maneira, pois faço isso todos os dias desde criança. E sempre me sinto melhor depois da oração. Já faz parte de mim.

– Quer dizer que faz parte da sua religião?

– Não, parte de *mim*. Bem, aqui está o seu sushi. Parece delicioso.

– Por que você não me acompanha? Não gosto de beber sozinha – brinquei enquanto a comissária servia champanhe em uma taça.

– Gostaria de alguma coisa, senhorita? – perguntou ela a Mariam, que se sentara na minha frente.

– Um pouco de água, por favor.

– Saúde – falei. – Um brinde a uma relação de trabalho bem-sucedida.

– Sim. Tenho certeza de que será.

– Desculpe minha ignorância sobre o seu modo de vida.

– Por favor, não se desculpe. – Mariam me confortou. – Se eu fosse você, também não saberia nada.

– Você vem de uma família rigorosa?

– Não, na verdade não. Pelo menos não comparada às outras. Nasci em Nova York, assim como meus irmãos, então somos americanos. Como meu pai sempre diz, a nação deu aos meus pais um porto seguro quando eles precisaram e devemos honrar o seu modo de vida, assim como o modo de vida tradicional.

– Onde seus pais nasceram?

– No Irã... ou na Pérsia, como preferimos chamar em casa. É um nome muito mais bonito, não acha?

– Sim, também acho. Então seus pais tiveram que deixar o país deles contra a vontade?

– Sim. Ambos vieram para os Estados Unidos após a queda do xá.

– O xá?

– Ele era o rei do Irã, mas sua postura era muito ocidental. Os extremistas em nosso país não gostaram disso, então quem era aparentado com ele teve que fugir para salvar a própria vida.

– Se ele era rei, isso faz de você um membro da realeza?

– Bem – respondeu Mariam, sorrindo –, tecnicamente sim, mas não é como a realeza europeia. Há centenas de parentes dele... primos de segundo, terceiro ou quarto graus, primos por casamento. Imagino que no Ocidente diriam que minha família era da nobreza.

– Caramba! Tenho uma princesa trabalhando para mim!

– Quem sabe, se as coisas tivessem sido diferentes... Eu poderia muito bem ter me tornado uma princesa se tivesse me casado com o homem certo.

Eu ia dizer que estava brincando, mas, ao olhar para Mariam, as coisas se encaixaram. Seu ar de contenção, sua autoconfiança, suas boas maneiras... talvez fossem características que somente centenas de anos de criação aristocrática pudessem produzir.

– E você, Electra? De onde é sua família?

– Não faço ideia – respondi, esvaziando minha taça de champanhe. – Fui adotada quando era bebê.

– E nunca pensou em investigar seu passado?

– Não. Qual é o sentido de olhar para trás se você não pode mudar o passado? Eu só olho para a frente.

– É melhor você não conhecer meu pai. – Os olhos de Mariam demonstraram diversão. – Ele está sempre contando histórias da vida que levava com meus avós no Irã. E histórias de nossos antepassados, que viveram muitas centenas de anos atrás. Elas são lindas, e eu adorava ouvi-las quando criança.

– Bom, eu só ouvia os contos de fadas dos irmãos Grimm, e as histórias sempre tinham uma bruxa assustadora ou um troll que me deixavam apavorada.

– Nossas histórias também têm bruxas, mas elas são chamadas de *djinnns*. Elas fazem coisas terríveis com as pessoas. – Mariam tomou um gole de água, olhando para Electra por cima da borda do copo. – Papai sempre

diz que nossa história fornece o tapete sobre o qual nos colocamos e sobre o qual podemos voar. Talvez um dia você queira descobrir a sua. Bem, vamos repassar a programação de Paris?

Uma hora depois, Mariam voltou ao seu lugar para digitar as anotações que fizera durante a nossa conversa. Reclinei meu assento e vi o céu começar a escurecer lá fora, anunciando a noite na Europa. Em algum lugar sob aquela escuridão estava a casa da minha família – ou, pelo menos, a casa daquelas meninas tão diferentes umas das outras que Pa havia colecionado por todo o mundo.

Nunca me importei que não fôssemos do mesmo sangue, mas, ao ouvir Mariam falar sobre suas raízes – e ao vê-la dar continuidade a uma cultura que se mantinha havia séculos, que ela ainda celebrava em um jato particular com destino a Paris –, quase senti inveja.

Pensei na carta de Pa, guardada em algum lugar do meu apartamento em Nova York... Eu nem sabia onde ela estava. Como não a abri e provavelmente já a perdera, concluí que nunca teria a chance de descobrir alguma coisa sobre o meu passado. Talvez “O Hoff” – como eu apelidara em segredo o advogado de Pa – pudesse me dar alguma luz... E lembrei que também havia aquelas coordenadas da esfera armilar que, segundo Ally, poderiam identificar de onde tínhamos vindo. De repente, pareceu-me a coisa mais importante do mundo encontrar a carta de Pa, quase importante o suficiente para pedir ao piloto que voltasse para que eu pudesse vasculhar minhas gavetas em busca dela. Naquela época, quando voltei a Nova York depois do quase memorial que fora arranjado porque aparentemente Pa decidira se enterrar no mar antes de chegarmos a Atlantis, eu estava com tanta raiva que não quis saber de nada.

*Por que você ficou irritada, Electra?*

O questionamento da terapeuta ecoou em meus ouvidos. A verdade era que eu não sabia a resposta. Sentia raiva desde que tinha aprendido a andar e falar, provavelmente antes disso também. Minhas irmãs adoravam descrever como eu gritava pela casa quando era bebê, e as coisas não melhoraram muito à medida que cresci. Eu certamente não podia culpar minha educação, que fora perfeita, apesar de estranha, uma vez que éramos todas adotadas e as fotos da família pareciam um anúncio da Gap, por causa das nossas diferentes etnias. Quando eu questionava Pa, ele sempre respondia que nos escolhera especialmente para ser suas filhas, e isso parecia acalmar

minhas irmãs, mas não a mim. Eu queria saber o *porquê*. Tudo indicava que, agora que ele estava morto, eu jamais descobriria.

– Uma hora para o pouso, Srta. D’Aplièse – avisou a comissária enquanto enchia de novo minha taça. – Posso lhe trazer mais alguma coisa?

– Não, obrigada.

Fechei os olhos e torci para que meu contato em Paris tivesse cumprido sua promessa e entregado o que eu precisava em meu hotel, porque eu estava desesperada por uma carreira. Quando eu ficava lúcida, meu cérebro começava a funcionar e a pensar em Pa, minhas irmãs, minha vida... e simplesmente não me sentia bem com isso. Pelo menos não naquele momento.



Dessa vez, eu realmente gostei de fotografar. A primavera em Paris – pelo menos depois que o sol nascia – era lindíssima e, se eu me sentia em casa em alguma cidade, era ali. Estávamos no Jardin des Plantes, repleto de flores de cerejeira, íris e peônias, e tudo parecia novo e fresco. O fato de eu gostar do fotógrafo também ajudou. Terminamos muito à frente do cronograma e continuamos a exercer a química no meu quarto de hotel naquela tarde.

– Por que você está morando em Nova York? – perguntou Maxime em francês enquanto tomávamos chá na cama, em delicadas xícaras de porcelana, e depois usávamos a bandeja para cheirar uma carreira de coca. – Você tem uma alma europeia.

– Sabe que eu não sei? – Suspirei. – É onde Susie, minha agente, mora, e faz sentido ficar perto dela.

– Sua *maman* modelo, você quer dizer? – comentou ele, me provocando. – Você já é uma mocinha, Electra, e pode tomar as próprias decisões. More aqui, então poderemos fazer isso com mais frequência – sugeriu ele, saindo da cama e desaparecendo no banheiro para tomar uma chuveirada.

Enquanto eu olhava pela janela para a Place Vendôme, lotada de pessoas passeando ou entrando nas elegantes lojas, pensei no que Maxime tinha dito. Ele tinha razão, eu podia morar em qualquer lugar; não faria a menor diferença, pois passava grande parte do tempo viajando, de qualquer maneira.

– Onde fica a sua casa? – sussurrei, sentindo-me de repente vazia diante

da ideia de voltar a Nova York, para meu apartamento sem alma e cheio de ecos.

Por mero capricho, peguei meu celular e liguei para Mariam.

– Tenho algum compromisso em Nova York amanhã?

– Você vai jantar às sete com Thomas Allebach, o chefe de marketing do seu contrato de perfumes – respondeu Mariam de imediato.

– Certo. – Thomas e eu havíamos passado algum tempo juntos nos últimos meses desde que Mitch me deixara. Era agradável, mas eu não estava apaixonada. – E no domingo?

– Não há nada na agenda.

– Ótimo. Cancele o jantar. Diga a Thomas que as fotografias aqui atrasaram ou algo assim. Depois, mude o voo de volta para domingo à noite e estenda minha reserva no hotel por mais duas diárias. Quero ficar em Paris um pouco mais.

– Perfeito. É uma cidade maravilhosa. Vou confirmar tudo assim que terminar.

– Obrigada, Mariam.

– De nada.

– Eu vou ficar por mais um tempo – falei a Maxime quando ele saiu do banho.

– Que pena, estarei fora da cidade no fim de semana. Se eu soubesse...

– Ah. – Tentei não deixar minha decepção transparecer. – Bem, não devo demorar muito para voltar.

– Me avise quando, está bem? – disse ele, se vestindo. – Eu cancelaria se pudesse, mas é o casamento de um amigo. Desculpe, Electra.

– Vou ficar por causa da cidade, não por você – afirmei, forçando um sorriso.

– E a cidade a ama, assim como eu. – Ele deu um beijo em minha testa.

– Tenha um fim de semana maravilhoso e mantenha contato.

– Pode deixar.

Depois que ele saiu, cheirei uma carreira para me animar e pensei sobre o que fazer em Paris. Mas, assim como em outras grandes cidades, no instante em que eu saísse do Ritz, seria reconhecida, e em poucos minutos alguém teria alertado a imprensa e uma comitiva indesejada começaria a me seguir.

Minha mão pairou sobre o celular para ligar para Mariam e pedir que voltasse ao Plano A quando, como que por mágica, o aparelho tocou.

– Electra? É Mariam. Só para avisar que o voo para Nova York foi alterado para domingo à noite e sua reserva no hotel foi estendida.

– Obrigada.

– Deseja que eu faça reservas para um restaurante?

– Não, eu...

Por alguma razão, lágrimas vieram aos meus olhos.

– Você está bem, Electra?

– Sim, estou bem.

– Você está... ocupada neste momento?

– Não, de jeito nenhum.

– Então, será que posso ir vê-la? Susie enviou alguns contratos hoje e você precisa assiná-los.

– Claro, pode vir.

Poucos minutos depois, Mariam chegou, espalhando seu maravilhoso aroma no quarto. Assinei os contratos, então olhei melancolicamente pela janela, para o crepúsculo da noite de Paris, que se aproximava.

– Quais são seus planos para esta noite? – perguntou ela.

– Não tenho nenhum. E você?

– Nada além de um banho, cama e um bom livro.

– Bem, eu gostaria de sair, visitar o café onde trabalhei como garçonne e comer uma comida normal, como uma pessoa normal. Só que não quero ser reconhecida.

– Compreendo. – Ela me encarou por alguns segundos, depois se levantou. – Tive uma ideia. Espere aí.

Ela desapareceu da sala, mas voltou em poucos minutos, segurando uma echarpe.

– Posso testar em você? Ver como fica?

– Você quer dizer, em volta dos meus ombros?

– Não, Electra, na cabeça, como na minha. As pessoas tendem a manter distância de uma mulher com um *hijab*. Em parte, é por isso que muitas mulheres da nossa fé usam um. Vamos tentar?

– Ok. Talvez seja o único visual que nunca experimentei – respondi, dando uma risadinha.

Sentei-me na beirada da cama enquanto Mariam enrolava o pano habilmente em volta da minha cabeça, passando as pontas sobre meus ombros e prendendo-as no lugar certo.



– Dê uma olhada – disse ela, indicando o espelho.

Obedeci e mal pude acreditar na mudança. Nem *eu* me reconheci.

– Ficou bom, muito bom, mas não podemos fazer muito quanto ao restante do corpo, né?

– Você tem calças ou leggings de cor escura?

– Só a calça de moletom preta que usei na viagem.

– Serve. Coloque enquanto vou buscar outra coisa.

Vesti a calça e logo Mariam voltou com uma roupa dobrada sobre o braço. Ela a sacudiu e vi que era uma peça larga e florida, feita de um tecido barato de algodão, com mangas compridas.

– Trouxe isso caso a gente vá a algum lugar mais elegante. Eu a guardo para ocasiões especiais, mas posso emprestá-la.

– Duvido que sirva em mim.

– Não acho que somos tão diferentes na parte de cima. E, embora eu use como um vestido, acho que em você vai ficar como uma bata. Experimente

– insistiu ela.

Vesti a roupa e vi que Mariam tinha razão. O vestido encaixou direitinho na parte de cima, indo até o meio das coxas.

– Viu? Ninguém vai reconhecê-la agora. Você é uma muçulmana.

– E meus pés? Só tenho meus Louboutins ou minhas sapatilhas Chanel.

– Calce os tênis que você usou no voo – sugeriu ela, indo até a minha mala. – Posso?

– Vá em frente – respondi, olhando para a nova mulher no espelho.

Com o lenço na cabeça e o vestido simples de algodão, disfarçado de blusa, seriam necessários olhos de águia para descobrir quem eu era.

– Venha – disse Mariam enquanto eu calçava os tênis. – A transformação está completa. Só mais uma coisa... Posso olhar na sua bolsa de maquiagem?

– Ok.

– Aqui está, precisamos colocar um pouco de lápis preto nos seus olhos. Feche-os, por favor.

Obedeci, minha mente voltando para o tempo em que eu e minhas irmãs viajavamos no barco de Pa no cruzeiro anual de verão e saíamos para jantar onde quer que tivéssemos atracado. Na época, considerada jovem demais para usar maquiagem, eu me sentava na cama e observava Maia ajudar Ally a se maquiar.

– Sua pele é tão bonita... – Mariam suspirou. – Literalmente brilha. Agora estou convencida de que você não será incomodada por ninguém hoje à noite.

– Você acha?

– Tenho certeza. Teste o seu disfarce lá embaixo, quando passar pela recepção. Pronta para sair?

– Sim, por que não?

Fiz menção de pegar minha bolsa da Louis Vuitton, mas Mariam me impediu.

– Coloque o que você precisar na minha – disse ela, oferecendo sua bolsa barata de couro falso marrom. – Pronta?

– Pronta.

No elevador, embora três pessoas tenham entrado conosco, nenhuma olhou para mim. Atravessamos o saguão, o concierge nos espiou e voltou sua atenção para o computador.

– Uau, Christophe me conhece há anos – sussurrei enquanto saíamos e Mariam chamava o porteiro.

– Precisamos de um táxi para Montmartre – disse ela, em um francês bastante aceitável.

– *D'accord, mademoiselle*, mas há uma fila, então pode demorar uns dez minutos.

– Ok, vamos esperar.

– Não entro em fila para pegar táxi há anos – murmurei.

– Bem-vinda ao mundo real, Electra. – Mariam sorriu. – Pronto, aí vamos nós.

Vinte minutos depois, nos acomodamos a uma mesa no café em que eu trabalhara. Não era uma mesa muito boa – estávamos esmagadas por duas outras, e eu conseguia ouvir todas as conversas dos clientes ao redor. Fiquei olhando para George, que me dera o emprego de garçonne dez anos antes, de pé atrás do bar, mas sua cabeça não se virou para mim.

– Então, como é ficar invisível de novo? – indagou Mariam, depois que pedi meia jarra de vinho da casa.

– Ainda não sei. Com certeza é estranho.

– Libertador?

– Sim. Gostei de andar na rua sem ser notada, mas há prós e contras em tudo, não é mesmo?

– É, mas imagino que mesmo antes de se tornar famosa você já chamasse atenção.

– Acho que sim, só que nunca consegui descobrir se era um olhar amigável ou porque eu, bem, porque pareço uma girafa negra!

– Acredito que fosse porque você é muito bonita, Electra. Já eu, ainda mais desde o 11 de Setembro, sou tratada com suspeita em qualquer lugar. Como se todo muçulmano fosse um terrorista, sabe? – Ela abriu um sorriso triste, então bebeu sua água.

– Deve ser difícil para você.

– É, sim. Em qualquer regime político ou religioso, as pessoas *reais* nas ruas só querem viver em paz. Infelizmente, muitas vezes sou julgada antes mesmo de abrir a boca por causa de como eu me visto.

– Você nunca sai sem o lenço?

– Não, embora meu pai tenha dito que eu devia tirar o *hijab* quando estava procurando trabalho. Ele achou que podia me atraparlar.

– Talvez você devesse experimentar, virar outra pessoa por algumas horas, assim como estou fazendo hoje. Poderia ser libertador para você também.

– Poderia, mas sou feliz sendo quem sou. Agora, vamos pedir?

Mariam começou a fazer o pedido em francês.

– Tantas habilidades ocultas... – impliquei. – Onde você aprendeu a falar francês tão bem?

– Aprendi na escola, depois aperfeiçoei quando estava com Bardin. É uma necessidade no mundo da alta-costura. E acho que tenho facilidade para idiomas. Percebi que você soa bastante diferente em francês e em inglês. É quase outra pessoa.

– Como assim? – perguntei, meio eriçada.

– Não é nada ruim – continuou ela, apressadamente. – Você é mais casual em inglês. Talvez porque seu sotaque tenha um tom americano. Você parece mais... séria em francês.

– Minhas irmãs ririam muito se ouvissem você dizer isso – comentei, sorrindo.

Enquanto comíamos *moules marinières* e aquele pão fresco crocante que apenas os franceses sabiam fazer, incentivei Mariam a falar sobre a família dela. Ficou claro que ela adorava seus irmãos e irmãs, e senti inveja do amor que brilhava em seus olhos.

– Mal posso acreditar que minha irmã mais nova vai se casar no ano que vem. Meus pais ficam me chamando de solteirona.

Ela sorriu enquanto comíamos *tarte tatin* de sobremesa. Eu já havia decidido que me livraria das calorias extras na academia do hotel no dia seguinte de manhã.

– Você acha que algum dia vai se casar? – perguntei a ela.

– Não sei. Ainda não estou pronta para isso. Ou talvez eu não tenha encontrado “o cara”. Se não se importa que eu pergunte, e você? Já se apaixonou?

Dessa vez, não me importei. Naquela noite, éramos apenas duas garotas jantando fora e batendo papo.

– Já, e acho que não quero me apaixonar de novo nunca mais.

– Terminou mal?

– Com certeza. – Respirei fundo. – Ele partiu meu coração. Me deixou muito mal, mas... Bom, merdas acontecem, não é?

– Você vai encontrar outra pessoa, Electra, eu sei que sim.

– Você parece minha irmã Tiggy. Ela é muito espiritualizada e está sempre dizendo coisas assim.

– Bem, talvez ela esteja certa, e eu também. Realmente acho que existe uma pessoa certa para todo mundo.

– A questão é: será que vamos encontrá-la? O mundo é um lugar grande, sabe?

– É verdade – concordou Mariam, e então cobriu a boca para disfarçar um bocejo. – Desculpe, não dormi bem ontem à noite. Não me adaptei à mudança de fuso horário.

– Vou pedir a conta.

Acenei para chamar o garçom. Ele me ignorou completamente.

– Dá para acreditar nessa grosseria? – perguntei com raiva, pois, cinco minutos depois, ele ainda estava nos ignorando.

– Ele está ocupado, Electra. Vai vir nos atender quando tiver tempo. A paciência é uma virtude, sabia?

– Que eu nunca tive – murmurei, tentando manter a raiva sob controle.

– Bem – disse Mariam, quando finalmente saímos do restaurante, depois que o garçom decidiu nos agradecer com sua presença –, hoje aprendi que você não gosta de ser ignorada.

– Grande verdade. Em uma família de seis meninas, era preciso gritar mais alto para ser ouvida. E eu gritava mesmo – comentei, dando uma risada.

– Vamos tentar pegar um táxi de volta para o hotel...

Mal compreendi o que ela estava dizendo, pois minha atenção recaía sobre um homem sentado sozinho a uma das mesas externas, bebendo um conhaque.

– Meu Deus... – sussurrei.

– O que foi?

– Aquele cara. Eu o conheço. Ele trabalha para a minha família.

Fui em direção à mesa e já estava praticamente em cima do sujeito quando ele olhou para mim.

– Christian?

Ele me encarou e percebi a confusão em seu rosto.

– *Pardon, mademoiselle*, eu a conheço? – perguntou ele em francês.

Inclinei-me para sussurrar em seu ouvido:

– Claro que sim, seu idiota! Sou eu, Electra!

– *Mon Dieu!* Claro que é você, Electra! Meu...

– Shh! Estou disfarçada!

– Bem, é um disfarce excelente, mas agora é claro que a reconheci.

Percebi que Mariam estava atrás de mim.

– Mariam, esse é Christian, ele é... bem, é praticamente da família. – Sorri para ele. – Você se incomoda que a gente se sente com você para beber alguma coisa? É *tanta* coincidência ver você aqui.

– Se me derem licença, vou voltar para o hotel – avisou Mariam. – Senão, pego no sono aqui mesmo. Foi um prazer conhecê-lo, Christian. *Bonne soirée* – disse ela, antes de se virar e desaparecer na multidão que caminhava ao longo da movimentada rua de Montmartre.

– Posso me juntar a você? – perguntei.

– Claro, por favor, sente-se. Vou pedir um conhaque para você.

Christian sinalizou para a jovem garçonne que servia as mesas externas. Eu tinha uma queda enorme por ele quando era mais nova – afinal, ele era o único cara com menos de 30 anos com quem eu tinha contato em Atlantis. Dez anos depois, ele não parecia ter mudado nada e me ocorreu que eu não fazia ideia de quantos anos ele realmente tinha. Ou, percebi, me sentindo culpada, de *quem* ele era.

– Então, o que você está fazendo aqui? – indaguei.

– Eu... bem, eu estava visitando um velho amigo.

– Certo – comentei, com uma forte sensação de que ele estava mentindo.

– Sabia que foi Ma quem encontrou um lugar para eu ficar quando cheguei a Paris, a poucas portas daqui? Eu trabalhava neste mesmo café. Parece que faz tanto tempo.

– E faz, Electra. São quase dez anos. Ah, aqui está o conhaque. *Santé*.

– *Santé*.

Brindei com ele, e tomamos um grande gole.

– Posso saber por que você está disfarçada nas ruas de Montmartre?

– Mariam, a garota que você acabou de conhecer, é minha assistente e eu estava reclamando que não podia ir a lugar nenhum sem ser reconhecida. Então ela me vestiu e saímos para jantar juntas.

– Você gostou de não ser você?

– Não sei, para ser sincera. Quer dizer, claro que tem as suas vantagens. Não estaríamos sentados aqui conversando sem sermos interrompidos se eu não estivesse disfarçada. Mas é igualmente irritante ser ignorada.

– Deve ser mesmo. – Christian tomou outro gole de seu conhaque. – Então, como você está?

– Estou bem. – Dei de ombros. – Como está Ma? E Claudia?

– Elas estão bem. Ambas com boa saúde.

– Sempre penso no que elas fazem hoje em dia, agora que nós saímos de casa e Pa se foi.

– Eu não me preocuparia com isso, Electra. Elas se mantêm muito ocupadas.

– E você?

– Há sempre muito que fazer na propriedade. É raro que passe um mês sem que uma ou mais de suas irmãs a visite. Ally está em Atlantis agora com seu lindo filhinho, Bear.

– Ma deve estar nas nuvens.

– Acho que sim. – Christian abriu um sorriso raro. – Ele é o primeiro da próxima geração. Marina está se sentindo útil de novo, e é bom vê-la feliz.

– Como está o Bear? Meu sobrinho – acrescentei, surpresa com o termo.

– Ele é tão perfeito quanto todos os bebês recém-nascidos.

– Ele chora? Grita? – indaguei.

Christian era uma das pessoas que eu e minhas irmãs tecnicamente empregávamos, mas naquela noite sua deferência estava me irritando.

– Ah, sim, às vezes ele chora e grita, mas que bebê não faz isso?

– Você lembra quando eu morava lá?

– Claro que lembro.

– Quer dizer, quando eu era bebê?

– Quando você era bebê, eu só tinha 9 anos, Electra.

*Ah! Então Christian tem uns 35...*

– Juro que me lembro de você dirigindo o barco quando eu era bem pequena.

– Sim, mas seu pai me vigiou até garantir que eu tinha aprendido, antes de me deixar comandar sozinho.

– Meu Deus! – Levei a mão à boca quando uma lembrança inundou minha mente. – Você lembra quando eu tinha uns 13 anos e fugi da escola para Atlantis? E então Pa disse que eu devia voltar e pelo menos tentar de novo, porque eu não tinha nem dado uma chance à escola? E eu não queria ir de jeito nenhum, então pulei do barco no meio do lago Genebra e tentei nadar até a praia.

Os olhos castanhos afetuosos de Christian demonstraram que ele recordava.

– Não dá para esquecer. Você quase se afogou. Nem pensou em tirar o casaco antes de pular e foi direto para o fundo. Por um momento, não consegui encontrar você... – Ele balançou a cabeça. – Foi um dos piores momentos da minha vida. Se eu tivesse perdido você...

– Pa teria ficado bravo, já sei – concordei, tentando aliviar o clima, pois Christian parecia prestes a chorar.

– Eu nunca teria me perdoado, Electra.

– Bem, pelo menos o golpe meio que funcionou. Ele me deixou ficar em casa por mais alguns dias.

– Verdade.

– Então, quanto tempo você vai ficar em Paris?

– Vou embora amanhã. E você?

– Domingo à noite. Acabei de mudar meu voo hoje à tarde, mas levei um bolo – expliquei, dando de ombros.

– Volte comigo para Atlantis e conheça seu sobrinho. Estou com o carro aqui e posso levá-la. Todo mundo ficaria muito feliz em vê-la.

– Você acha? – Balancei a cabeça. – Acho que não.

– Por quê? Marina e Claudia estão sempre falando de você. Elas têm um álbum com todas as suas fotos de modelo.

– É mesmo? Que fofo. Bem, quem sabe na próxima vez?

– Se mudar de ideia, você tem o meu número.

– Eu tenho. – Sorri. – Está gravado no meu cérebro. Quando as coisas ficavam ruins na escola, eu sempre sabia que você ia me resgatar.

– Preciso voltar. Vou embora amanhã de manhã cedo – explicou Christian, sinalizando para o garçom trazer a conta.

– Onde você está hospedado?

– No mesmo prédio onde você ficou. Uma amiga de Marina é a proprietária.

– É mesmo? Eu não sabia.

Foi então que me ocorreu uma lembrança fugaz daquela senhora parisiense – uma anciã cujo rosto tinha as marcas de uma vida inteira de absinto e cigarros.

– Enfim... – Christian se levantou. – Se você mudar de ideia, me avise. Vou sair às sete. Agora me deixe chamar um táxi para você.

Enquanto caminhávamos, reparei no fato de Christian ser pelo menos tão alto quanto eu. Ele também estava em excelente forma, o corpo musculoso delineado sob a camisa branca. Quando ele sinalizou para o táxi, por algum motivo ridículo tive a mesma sensação de quando ele me deixava na escola e eu o assistia partir, desejando estar no carro com ele.

– Onde você está, Electra?

– No Ritz – respondi, abrindo a porta de trás.

– Bem, foi bom ver você. Cuide-se.

– Pode deixar – falei pela janela, enquanto o táxi dava partida.

Quando me afundei na cama, meia hora depois, percebi de repente que não tinha cheirado nenhuma carreira desde aquela tarde com Maxime, o que me fez sentir muito bem.



Irritantemente, acordei no dia seguinte às cinco da manhã e, embora eu tivesse tomado um comprimido para dormir, meu cérebro se recusava a desligar. Então fiquei deitada, contemplando um fim de semana vazio em Paris enquanto percorria a lista de contatos do meu celular para encontrar companhia e me manter ocupada. Percebi que não havia ninguém que eu realmente quisesse ver, porque teria que fazer um esforço para ser Electra, a Supermodelo, e desejava um pouco de tempo livre.



*Mas não um tempo sozinha...* refleti enquanto assistia aos ponteiros luminosos do relógio de cabeceira se moverem de maneira angustiantemente lenta em direção às seis horas.

Pensei em Atlantis, com Ma e Claudia, e em como eu poderia andar pela casa e pelos campos usando as velhas calças de moletom que havia deixado no meu quarto, na gaveta de baixo, e em como não precisaria fazer nenhum esforço para ser alguém além de mim mesma...

Antes que pudesse mudar de ideia, liguei para o celular de Christian.

– Electra, bom dia.

– Oi, Christian. Eu estava pensando que, na verdade, vou voltar de carro com você para Atlantis.

– Que boa notícia! Marina e Claudia ficarão muito felizes. Posso buscá-la no Ritz daqui a uma hora?

– Ótimo, obrigada.

Então mandei uma mensagem para Mariam.

Está acordada?

Sim. Do que você precisa?

Me ligue.

Ela ligou e eu expliquei que precisava voar de volta para os Estados Unidos partindo de Genebra, não de Paris.

– Sem problemas, Electra. Você precisa que eu reserve algum hotel?

– Não, eu vou para casa ver minha família.

– Que maravilha! – exclamou ela, com tanto carinho que pude imaginá-la sorrindo. – Já ligo de volta com todas as confirmações.

– E você, Mariam? – perguntei, subitamente consciente de que a estava deixando sozinha. – Vai ficar bem em Paris? Fique à vontade para comprar uma passagem para casa hoje mesmo com o cartão de crédito, se preferir.

– Não, Electra, estou muito feliz aqui. Eu estava planejando ver Bardin à tarde, se fosse conveniente para você, então vou fazer os arranjos e nos encontramos no aeroporto de Genebra amanhã à noite.

Cheirei uma carreira do pacote que Maxime me deixara, então joguei tudo o que trouxera na mala e na bolsa antes de encomendar uma seleção

de doces franceses, além de algumas frutas, para me fazer sentir melhor diante do excesso de carboidratos. Depois do café da manhã, liguei para o mensageiro ir buscar minhas malas. Usando meus grandes óculos de sol de armação preta (Ceci disse uma vez que eu parecia uma mosca-varejeira quando os usava), segui minhas malas ao encontro de Christian e do conforto do Mercedes sedã. Quando ele me cumprimentou e abriu a porta traseira, balancei a cabeça.

– Eu vou na frente, se você não se importar.

– Nem um pouco – respondeu Christian enquanto se movia para abrir a porta do passageiro.

Quando me acomodei no banco da frente, senti aquele primeiro aroma reconfortante de couro, purificador de ar e a inconfundível fragrância de limão de Pa. Eu andava nos carros da família desde criança, e o cheiro nunca mudara, mesmo depois da morte dele. Era um aroma que passava a ideia de lar e segurança e, se fosse possível engarrafá-lo, eu o faria.

– Tudo certo, Electra? – indagou Christian, ligando o motor.

– Sim, obrigada.

– A viagem costuma levar umas cinco horas – explicou Christian quando nos afastamos do Ritz.

– Você contou a Ma que eu estou indo?

– Contei, sim. Ela perguntou se você tinha alguma dieta especial.

– Eu...

Percebi que, na última vez em que estive em casa, estava em pleno processo de desintoxicação, bebendo chá verde aos montes. Eu namorava Mitch, que estava completamente limpo, mas eu havia levado uma garrafa de vodca para qualquer emergência, no caso de não resistir. Acabei cedendo, mas foi um ato compreensível, porque era a primeira vez que eu voltava a Atlantis sem Pa. Um velório sem funeral.

– Você está bem, Electra?

– Ótima, obrigada. Christian?

– Oi?

– Você levou Pa a muitos lugares?

– Não, na verdade não. Na maioria das vezes, eu o levava ao aeroporto de Genebra para embarcar em seu jato particular.

– Você sabia aonde ele ia?

– Às vezes, sim.

– Para onde?  
– Ah, muitos destinos ao redor do mundo.  
– Sabe o que ele realmente fazia?  
– Não tenho ideia, Electra. Ele era um homem muito reservado.  
– Até demais. – Eu suspirei. – Você não acha estranho que nenhuma de nós soubesse? Tipo, a maioria das crianças sabe dizer que o pai é comerciante ou advogado, mas eu não, porque não tinha ideia.

Christian permaneceu calado, mantendo os olhos na estrada. Como motorista e piloto da família, era impossível não imaginar que ele soubesse mais do que estava revelando.

– Sabe de uma coisa? – falei.  
– Não até você me contar, Electra.

Christian abriu um sorrisinho.

– Quando eu arrumava todos aqueles problemas na escola e você ia me buscar, você e seu carro eram o meu lugar seguro.

– E o que é um “lugar seguro”?

– Ah, é uma expressão da terapia que significa algum lugar que o deixa feliz onde você possa se imaginar. Sempre sonhei com você aparecendo para me levar embora.

– Fico honrado – disse Christian, com um sorriso genuíno dessa vez.

– Você se candidatou ao emprego com Pa? – sondei mais uma vez.

– Ele me conhecia desde garoto. Eu morava... naquela área, e ele me ajudou, e à minha mãe... me ajudou muito.

– Quer dizer que ele era uma figura paterna para você?

– Sim – concordou Christian, após uma pausa. – Era, sim.

– Então talvez você seja a misteriosa sétima irmã! – comentei, dando uma risada.

– Seu pai era um homem muito gentil e perdê-lo mexeu muito com todos nós.

*Pa era gentil ou controlador? Ou os dois?*, ponderei enquanto chegávamos aos arredores de Paris e entrávamos na autoestrada para Genebra. Reclinei meu assento e fechei os olhos.

### 3

— *L*ectra, chegamos ao píer – sussurrou uma voz suave em meu ouvido.

Acordei e pisquei diante da luz brilhante, que então percebi ser o reflexo do sol na superfície vítrea do lago Genebra.

– Eu dormi por quatro horas inteiras – comentei, surpresa, ao sair do carro. – Não falei que você era o meu lugar seguro? – Sorri para Christian enquanto ele abria o porta-malas. – Só preciso da bolsa. Pode deixar o restante aí dentro até amanhã.

Christian trancou o carro e caminhou na frente até o pontão, onde a lancha estava atracada. Ele me ofereceu a mão para me ajudar a subir a bordo, em seguida foi fazer o que era necessário antes que pudéssemos partir, e eu me acomodei no macio banco de couro na popa. Pensei em como, a caminho de Atlantis, eu sempre me sentia animada com a perspectiva de chegar. E depois, no caminho de volta, como eu normalmente me sentia aliviada por estar indo embora.

*Talvez desta vez seja diferente*, disse a mim mesma, e então suspirei, pois isso *também* era algo que eu sempre sentia.

Christian ligou o motor e começamos a curta jornada para a casa da minha infância. Estava quente para o fim de março, e gostei da sensação do sol no meu rosto e dos meus cabelos esvoaçando.

Quando nos aproximamos da península onde ficava Atlantis, estiquei o pescoço para ter uma visão das árvores. Era uma casa espetacular – um pouco como um castelo da Disney, de tão linda. *E muito diferente de Pa*, pensei. Ele tinha um guarda-roupa mínimo; que eu soubesse, ele só usava os mesmos três paletós: um de linho para o verão, um de tweed para o inverno e outro de tecido indeterminado, entre as estações. O quarto dele era tão pouco mobiliado que parecia a habitação de um padre. Eu me perguntava se ele estava secretamente pagando penitência por algum crime

que cometera no passado ou algo do tipo... Ao nos aproximarmos de Atlantis, refleti que o guarda-roupa e o quarto de Pa com certeza eram um paradoxo quando comparados ao restante da casa.

Ma já estava esperando por mim, acenando com animação. Ela estava vestida imaculadamente, como sempre, e percebi que usava uma saia de *bouclé* da Chanel que eu tinha surrupiado de uma arara de amostras porque sabia que ela ia adorar.

– Electra! *Chérie*, que surpresa inesperada! – exclamou ela, na ponta dos pés, enquanto eu me abaixava para receber dois beijos no rosto e um abraço. Então ela deu um passo para trás e me avaliou. – Você está linda como sempre, mas acho que está magra demais. Não se preocupe, Claudia tem os ingredientes prontos para fazer suas panquecas de mirtilo favoritas, se você quiser. Sabia que Ally está aqui com o bebê?

– Sim, Christian me contou. Mal posso esperar para conhecer meu sobrinho – respondi, seguindo-a pelo caminho que atravessava os jardins na frente da casa e levava até o lago.

O aroma da grama e das plantas florescendo era bem fresco em comparação ao cheiro fétido de Nova York. Respirei fundo para o ar puro penetrar em meus pulmões.

– Venha para a cozinha – disse Ma. – Claudia já está preparando um belo café da manhã.

Christian veio atrás de nós. Quando ele colocou minha bolsa ao pé da escada, me aproximei.

– Obrigada por me trazer. Estou feliz por ter vindo.

– De nada, Electra. A que horas partimos para o aeroporto amanhã?

– Por volta das dez da noite. Minha assistente reservou o jato para meia-noite.

– Ok. Se alguma coisa mudar, basta dizer a Marina e ela vai me informar.

– Combinado. Tenha um bom fim de semana.

– Você também.

Ele acenou para mim e desapareceu pela porta da frente.

– Electra!

Eu me virei e vi Ally vindo em minha direção, saindo da cozinha, os braços abertos para me abraçar.

– Olá, nova mamãe – falei enquanto ela me abraçava. – Parabéns.

– Obrigada. Ainda não consigo acreditar que tenho um filho.

Pensei, com uma pitada de inveja, que ela estava incrível. Seu rosto angular havia sido suavizado por alguns quilos da gravidez e seus fabulosos cabelos vermelho-dourados brilhavam como uma auréola contra sua pele de porcelana.

– Você está ótima – comentei.

– Não estou nada. Engordei 8 quilos, que não consigo mais perder, e só durmo cerca de duas horas por noite. Tenho um homenzinho faminto na minha cama – disse ela, rindo.

– Onde ele está?

– Dormindo para se recuperar da noite passada, é claro. – Ally arqueou uma sobrancelha em falsa frustração, mas percebi que nunca a tinha visto tão feliz. – Pelo menos isso nos dá a chance de conversar um pouco – acrescentou ela enquanto caminhávamos até a cozinha. – Hoje mesmo eu estava pensando que não a via desde junho passado, quando todas nós viemos aqui depois que Pa morreu.

– É verdade. Tenho estado muito ocupada.

– Tento acompanhar você e sua vida nos jornais e nas revistas, mas...

– Oi, Electra – cumprimentou Claudia em seu francês com forte sotaque alemão. – Como vai?

Claudia estava prestes a derramar a mistura para panqueca em uma frigideira e eu ouvi um chiado tentador.

– Estou bem, obrigada.

– Venha, sente-se e me conte tudo o que aconteceu desde a última vez que a vi – disse Ally, indicando uma cadeira na mesa comprida.

– Já conto, mas antes quero subir e me ajeitar um pouco.

Virei-me e saí da cozinha, sentindo um pânico repentino. Eu sabia como Ally gostava de interrogar todas nós e não tinha certeza de que estava em condições de passar por isso naquele momento.

Peguei minha bolsa e subi as escadas até o sótão – que não era exatamente um sótão, mas um andar espaçoso, onde ficavam os quartos de todas nós, meninas –, então abri a porta do meu cômodo. Tudo parecia exatamente igual a quando saí de casa para ir a Paris, na adolescência. Olhei para as paredes, pintadas na suave cor creme de sempre, e me sentei em minha cama. Comparado aos quartos das outras meninas, cujas paredes revelavam a personalidade de suas ocupantes, o meu estava nu. Não havia uma única pista sobre a pessoa que vivera ali os primeiros 16 anos de vida.

Nenhum pôster de modelos, estrelas pop, bailarinas ou esportistas famosos... nada para indicar quem eu era.

Abri minha bolsa, peguei a garrafa de vodca embrulhada em minhas calças largas de caxemira e tomei um bom gole. O quarto parecia expressar tudo o que se podia dizer sobre mim – apenas uma casca vazia. Eu não tinha – e nunca tivera – paixão por nada. *E*, pensei, enquanto devolvia a garrafa ao seu lugar e pegava o pequeno pacote escondido no bolso da frente da bolsa para cheirar uma carreira, *se eu não sabia quem eu era naquela época, ainda não sei quem sou agora.*



Ao voltar para o andar de baixo, a vodca tinha me acalmado e a cocaína, me animado. Quando Ma, Ally e eu nos sentamos para apreciar o famoso café da manhã de Claudia, fiz o que elas esperavam de mim e lhes contei tudo sobre as festas glamorosas das quais participei e as celebridades que conheci, revelando algumas fofocas inofensivas.

– E você e Mitch? Li nos jornais que vocês se separaram. É verdade?

Eu estava esperando por isso; Ally era a grande pregadora do “vá direto ao ponto”.

– Sim, alguns meses atrás.

– O que aconteceu?

– Ah, você sabe. – Dei de ombros enquanto bebia um pouco de café quente e forte, desejando que estivesse misturado com uísque. – Ele estava morando em Los Angeles, eu estava em Nova York, os dois sempre viajando...

– Então ele não era “o cara”? – perguntou Ally.

Um som estridente e repentino ecoou de algum lugar da cozinha e eu olhei em volta para descobrir de onde vinha.

– É a babá eletrônica. Bear acordou – constatou Ally, suspirando.

– Vou ver como ele está – ofereceu Ma, mas Ally já estava de pé e empurrou Ma gentilmente de volta para a cadeira.

– Você está de prontidão desde as cinco da manhã, querida, então é a minha vez.

Eu ainda não tinha conhecido meu sobrinho, mas já o amava. Ele acabara de me livrar da Grande Inquisição de Ally.

– Como é o seu novo apartamento? – perguntou Ma, mudando de assunto. Se a sensibilidade fosse uma pessoa, seria minha mãe substituta.

– É legal, mas meu contrato de aluguel é só de um ano, então provavelmente vou procurar outro em breve.

– Você não deve ficar muito lá, tendo que viajar tanto.

– É verdade, não fico, mas pelo menos me dá um lugar para guardar minhas roupas. Uau, olhe só quem chegou.

Ally estava se aproximando da mesa segurando um bebê com enormes olhos castanhos interrogativos. Seu cabelo ruivo-escuro já estava começando a encaracolar no topo da cabeça.

– Este é o Bear – apresentou Ally, uma mãe orgulhosa, os olhos brilhando.

E por que não brilhariam? Qualquer pessoa corajosa o suficiente para dar à luz era uma heroína para mim.

– Meu Deus! Ele dá vontade de... morder! Quanto tempo? – perguntei quando Ally se sentou e o embalou no colo.

– Sete semanas.

– Uau, ele é tão grande!

– É porque tem muito apetite – explicou Ally, com um sorriso, enquanto desabotoava a blusa e posicionava o bebê.

Bear começou a mamar ruidosamente e eu estremei.

– Não dói quando ele suga?

– No começo doía, mas já nos ajeitamos, não é, meu amor? – disse ela, olhando para a criança como eu achava que tinha olhado para Mitch algumas vezes.

Em outras palavras, com amor.

– Bem, agora vamos deixar vocês conversando e nos vemos mais tarde – disse Claudia, seguindo Ma para fora da cozinha depois de limparem tudo.

– Sinto muito pelo pai de Bear, Ally.

– Obrigada.

– Ele... O pai...?

– O nome dele era Theo.

– Theo sabia sobre Bear?

– Não, e nem eu sabia, até algumas semanas depois que ele morreu. Na época, pensei que o mundo estava desmoronando, mas agora... – Ally sorriu para mim e eu vi uma felicidade genuína em seus olhos azul-claros. – Eu não seria ninguém sem ele.



– Você chegou a pensar em...?

– Abortar? A ideia passou pela minha cabeça, sim. Quer dizer, eu era uma velejadora de sucesso, o pai de Bear estava morto, e na época eu nem tinha casa. Mas não teria coragem. Sinto que Bear foi um presente. Às vezes, quando estou amamentando de madrugada, sinto que Theo está por perto.

– Você quer dizer, o espírito dele?

– Isso.

– Eu não sabia que você acreditava nessa bobagem – comentei, com uma careta.

– Nem eu, mas aconteceu uma coisa incrível na noite anterior ao nascimento de Bear.

– O quê?

– Eu voei para a Espanha procurando Tiggy, que tinha acabado de ser diagnosticada com uma doença cardíaca, mas fugiu para encontrar sua família biológica. E ela me contou uma coisa, Electra, uma coisa que apenas Theo poderia saber.

Vi a mão pálida de Ally pousar no cordão que estava usando.

– Que coisa?

– Theo me deu isso aqui. – Ally levantou o pequeno olho turquesa preso ao cordão. – A corrente tinha arreventado algumas semanas antes e Tiggy disse que Theo queria saber por que eu não estava usando o cordão. Então falou que ele gostava do nome Bear e, sabe de uma coisa, Electra? Ele gostava mesmo!

Lágrimas apareceram nos olhos de Ally.

– Bom, eu era uma cética, mas acho que agora fui convertida. E sei que Theo está cuidando de nós. – Ela deu de ombros e me lançou um sorriso triste.

– Eu bem que queria acreditar em algo assim – comentei. – O problema é que não acredito muito em nada. E como está o coração de Tiggy agora?

– Muito melhor, pelo visto. Ela voltou às Terras Altas escocesas e está muito feliz nos braços do médico que cuidou dela quando ficou doente. Ele também é o dono da propriedade onde ela trabalha.

– Ouviremos a marcha nupcial em breve?

– Duvido: tecnicamente, Charlie ainda é casado e está passando por um conturbado processo de divórcio, pelo que Tiggy me contou.

– E as outras irmãs?

– Maia ainda está no Brasil, com aquele namorado fofo dela, o Floriano, e a filha dele. Estrela está em Kent, na Inglaterra, ajudando o namorado, que por algum motivo é conhecido como Mouse, a reformar sua casa. E Ceci está na Austrália, morando com seu avô e sua amiga Chrissie no interior. Vi algumas fotos das pinturas dela, e são simplesmente incríveis. Ela é muito talentosa.

– Todo mundo começou uma vida nova?

– Parece que sim.

– E todas chegaram a isso pesquisando o próprio passado?

– Sim, e eu também. Mandeí um e-mail para você dizendo que tinha um irmão gêmeo, não mandei?

– Hum...

– Ah, Electra, eu tinha, de verdade. E um pai biológico que é um gênio musical, mas um beberrão inveterado.

Vi Ally sorrir com carinho ao pensar nele enquanto movia habilmente o bebê de um seio para outro.

– Então – prosseguiu ela –, você fez alguma coisa em relação à carta de Pa?

– Nunca abri o envelope e, para ser sincera, nem lembro onde a coloquei. Talvez tenha perdido.

– Electra! – Ally me deu seu melhor olhar de desaprovação. – Você não pode estar falando sério.

– Ah, deve estar em algum lugar, só não me dei ao trabalho de procurar.

– Você não quer saber de onde veio?

– Não, não consigo entender por que eu iria querer. O que importa? Eu sou quem eu sou.

– Bem, para mim ajudou. E mesmo que você não queira saber o que tem na carta, as palavras escritas por Pa foram seu último presente para todas nós.

– Meu Deus! – Para mim, já bastava. – Vocês todas tratam Pa como se ele fosse algum tipo de deus! Ele foi só um cara que nos adotou... por algum motivo estranho que nenhuma de nós sabe exatamente qual foi!

– Por favor, não grite, Electra, isso perturba o bebê. Peço desculpas se eu...

– Vou sair para dar uma volta.

Levantei-me da mesa, caminhei até a porta da frente e a abri. Bati-a com força depois de sair e atravessei o gramado em direção ao cais, desejando,

como sempre desejava depois de algumas horas em Atlantis, que não tivesse decidido voltar.

– O que há com minhas irmãs e meu pai? Ele nem é nosso pai biológico, pelo amor de Deus!

Continuei a reclamar comigo mesma quando me sentei, os pés balançando, olhando para o píer e tentando respirar fundo. Não funcionou. Talvez mais uma carreira funcionasse. Levantei e voltei à casa, entrando na ponta dos pés e subindo as escadas para que ninguém me ouvisse. Em meu quarto, tranquei a porta e peguei o que precisava.

Alguns minutos depois, estava me sentindo muito mais calma. Deitei-me na cama e pensei em todas as minhas irmãs, uma de cada vez. Por alguma razão, imaginei-as como princesas da Disney, o que era bem divertido. Elas não me irritavam tanto desse jeito, e eu as amava, todas elas, exceto Ceci (ela pareceu de repente a bruxa de *Branca de Neve*). Eu ri e decidi que aquilo era cruel, até mesmo para Ceci. Eu sabia que as pessoas diziam que não se podia escolher a própria família, apenas os amigos, mas Pa nos escolhera e ficamos ligadas umas às outras. Talvez a razão pela qual Ceci e eu não nos dêssemos bem fosse porque ela não aceitava as minhas besteiras como as outras. E conseguia gritar mais alto do que eu. As outras faziam de tudo para manter a paz, mas ela não se importava. Era um pouco parecida comigo...

Minhas quatro irmãs mais velhas provavelmente nunca haviam pensado que tinham umas às outras – Ally e Maia, Estrela e Ceci –, o que me deixara com Tiggy. Ela era minha irmã mais próxima na infância – tínhamos apenas alguns meses de diferença – e, embora eu a amasse de verdade, não poderíamos ser mais diferentes. Também não ajudava muito o fato de todas as minhas irmãs mais velhas deixarem claro que sua irmã caçula favorita era Tiggy, não eu. Tiggy não brigava, não gritava nem fazia birra o tempo todo. Ela apenas ficava sentada no colo, chupando o dedo e sendo perfeita. Quando crescemos, tentei criar um vínculo com ela, pois me sentia sozinha, mas todas aquelas suas besteiras espirituais me deixavam maluca.

À medida que o efeito da cocaína ia passando, minhas irmãs foram deixando de ser princesas da Disney e voltaram a ser elas mesmas. Que diferença fazia, afinal? Pa estava morto, e nós éramos apenas um bando de mulheres unidas quando crianças e que agora seguiam caminhos diferentes. Respirei fundo e tentei fazer como todos os meus terapeutas sugeriram,

ou seja, analisar por que eu ficara tão irritada. Para variar, achei que tinha a resposta: Ally contara que todas as minhas irmãs estavam felizes – elas haviam construído suas vidas com pessoas que as amavam. Até Ceci, que eu sempre achei que fosse tão pouco amável quanto eu, de alguma forma conseguira superar sua estranha obsessão por Estrela e seguir em frente. Mais especificamente, ela havia encontrado sua paixão na arte, algo que sempre amara.

E ali estava eu, o peixe fora d'água, como sempre. Desde a morte de Pa, eu não conseguira encontrar nada, exceto um novo contato para comprar drogas, mais confiável. Mesmo sendo de longe a irmã mais bem-sucedida em termos financeiros – pelo que meu contador dizia, eu poderia parar de trabalhar agora e nunca mais me preocupar com dinheiro –, de que adiantava se eu não tinha ideia do que mais eu queria fazer?

Ouvi uma batida à porta.

– Electra? Você está aí?

Era Ally.

– Sim, entre.

Ela entrou, com Bear nos braços.

– Sinto muito se eu disse algo que a chateou, Electra – desculpou-se ela, parando à porta.

– Não se preocupe. Não é você, sou eu.

– Enfim, me desculpe. É tão bom ver você e estou realmente feliz que tenha vindo. Você se importa se eu me sentar? Ele é bem pesadinho.

– Claro que não – respondi, com um suspiro.

A última coisa de que eu precisava era ficar presa em meu quarto sendo entrevistada por Ally.

– Eu só queria compartilhar uma coisa com você, Electra. Uma coisa que Tiggy me falou que devíamos investigar.

– Ah, é? O quê?

– Aparentemente, quando ela esteve aqui no mês passado, descobriu um elevador secreto que dava acesso a uma adega.

– Hum... certo. E daí?

– Ela comentou que o local era usado para armazenar vinho, mas notou que tinha uma porta escondida atrás de uma das prateleiras. Talvez nós devêssemos descobrir aonde ela leva.

– Ok. Por que não perguntamos a Ma?

– Podemos perguntar, mas Tiggy achou que ela não ia querer falar sobre isso.

– Caramba, Ally! Esta é a *nossa* casa e Ma trabalha para nós! Podemos perguntar o que quisermos e fazer o que quisermos aqui, não?

– Sim, podemos, mas... bem... – Ally suspirou. – Talvez devêssemos ter cuidado, por respeito. Ma está aqui há muito tempo... Ela administra a casa com Claudia e cuida de nós, e não quero que ela sinta que estamos passando por cima dela agora que as coisas estão... diferentes.

– Então, você quer dizer que devemos nos esgueirar no tal elevador no meio da noite e descobrir aonde a porta leva? – Arqueei uma sobrancelha.

– Ainda não entendo por que precisamos ter tanto trabalho quando podíamos apenas perguntar.

– Electra, pare de ser tão teimosa. O elevador secreto e a adega *existem*, e Pa os criou por alguma razão. Não importa o que você pensa ou como se sente sobre ele, Pa era um homem prático. De qualquer forma, já estou passando as noites em claro por causa do Bear, então vou investigar. Eu só queria saber se você gostaria de me acompanhar. Tiggy falou que é preciso duas pessoas para empurrar o rack em frente à porta oculta. Ela também me contou onde estava a chave. Agora, você se importa de segurar o Bear rapidinho enquanto vou ao banheiro?

Ally se levantou e colocou Bear no meu colo. Para impedi-lo de cair para trás, tive que segurá-lo com as duas mãos. Ele deu um grande arrotto em retaliação.

– Que ótimo! – disse Ally, parada à porta. – Estou tentando fazê-lo arrotar há uma hora!

A porta se fechou e Bear e eu fomos deixados sozinhos.

Olhei para ele e ele olhou para mim.

– Oi – falei, rezando para que ele não fizesse xixi em mim ou algo do tipo, pois era a primeira vez que eu segurava um bebê.

Ele deu um soluço e continuou me encarando.

– Em que você está pensando, rapazinho? Está se perguntando por que, mesmo sendo sua tia, eu sou de uma cor diferente da sua mãe? Você nunca conheceu o seu avô, mas ele era um homem muito esquisito – prossegui, porque ele parecia estar curtindo o papo. – Quer dizer, ele era incrível, tipo, muito inteligente e tudo o mais, mas acho que guardava muitos segredos de todas nós. O que você acha?

De repente, senti seu corpinho relaxar em meus braços e, quando Ally voltou, Bear havia fechado os olhos e dormia profundamente.

– Uau, você tem o dom. – Ally sorriu para mim. – Costumo balançá-lo por horas antes que ele durma.

– Acho que ele estava entediado.

Dei de ombros quando Ally o tirou delicadamente do meu colo.

– Vou colocá-lo no berço e descansar um pouco enquanto posso – sussurrou ela. – Vejo você mais tarde.



Antes do jantar, certifiquei-me de ter tomado vodca suficiente para manter a calma, então preparei outra dose bem grande da garrafa da despensa quando descii. Felizmente, a conversa não passou muito de como a comida de Claudia era maravilhosa (ela fez seu famoso *schnitzel*, que devorei até o último pedaço) e dos planos de nossa viagem de barco à Grécia para deixar uma coroa de flores no aniversário de morte de Pa.

– Pensei que devíamos ir sozinhas no cruzeiro, mas Maia vai chegar na semana anterior com Floriano, que eu mal posso esperar para conhecer, e a filha dele, Valentina – informou Ally. – Estrela, Mouse e Rory, o filho dele, também virão, assim como Tiggy, Charlie e a filha dele, Zara...

– Uau! Então Maia, Estrela e Tiggy são todas madrastas?

– Uhum – assentiu Ally.

– E eu, como sua mãe substituta, sei que minhas meninas não vão amar menos as crianças sob seus cuidados porque não são do mesmo sangue – afirmou Ma.

– Ceci também vem?

– Ela disse que sim. E que espera que o avô e Chrissie, a amiga dela, possam vir também.

– Chrissie, a “amiga” dela?

Tanto Ma quanto Ally me encararam e me perguntei por que eu tinha que ser a única na família a expressar a verdade.

– Elas têm um relacionamento, certo?

– Não sei – comentou Ally –, mas ela parece muito feliz, o que é o mais importante.

– Sempre foi óbvio que Ceci era gay, não é? Que ela estava apaixonada por Estrela?

– Electra, a gente não deve se intrometer na vida dos outros – interrompeu Ma.

– Mas Ceci não é “os outros”. Além disso, qual é o problema? Estou feliz por ela ter encontrado alguém.

– Vai ficar apertado aqui – continuou Ma, insistindo em mudar de assunto.

– Bem, como todas vocês agora têm famílias e eu continuo sozinha, se não houver espaço, talvez seja melhor eu não vir.

– Ah, Electra, não diga isso! Você tem que vir, você prometeu – retrucou Ally, demonstrando uma chateação genuína.

– Bem, talvez eu possa dormir no porão secreto que Tiggy encontrou quando esteve aqui – respondi, virando-me para Ma.

Ally me olhou com uma expressão de raiva, mas eu estava bêbada demais para me importar.

– Ah, o porão. – Ma olhou para nós duas. – Sim, falei com Tiggy sobre isso e não há nenhum mistério. Assim que terminarmos o maravilhoso strudel de maçã de Claudia, vou levá-las lá embaixo para verem.

Lancei de volta a Ally um olhar que dizia “Viu só?”, e ela ergueu as sobrancelhas em exasperação. Quando terminamos a sobremesa, Ma se levantou e tirou uma chave da caixa na parede.

– E então, vamos descer?

Não houve necessidade de resposta, pois ela já tinha saído da cozinha e Ally e eu nos apressamos atrás dela. No corredor, Ma segurou uma maçaneta de latão e puxou um painel de mogno, revelando um pequeno elevador.

– Para que esse elevador? – perguntei.

– Como expliquei a Tiggy, seu pai já não era tão jovem e queria acesso fácil a todas as partes da casa.

Ma abriu a porta e nós três nos amontoamos lá dentro. Logo senti claustrofobia e respirei fundo enquanto ela apertava um botão de latão e a porta se fechava.

– Sim, entendi, mas por que ele escondeu esse lugar? – indaguei assim que o elevador começou a se mover.

– Electra, cale a boca – sibilou Ally, agora mais do que irritada comigo. – Ma vai explicar tudo.

Foi uma viagem de quatro segundos e senti o solavanco quando o elevador

chegou ao fundo. A porta se abriu e nós entramos em um porão muito simples que, como Ally dissera, era preenchido por prateleiras de vinho.

– E aqui estamos. – Ma saiu do elevador e gesticulou para a sala. – A adega de seu pai. – Ela se virou para mim e sorriu. – Electra, lamento que não exista nenhum grande mistério.

– Mas...

Atrás de Ma, os olhos de Ally me enviaram uma mensagem que nem eu poderia ignorar.

– Eu... Bem, é muito legal. – Comecei a passear pelas prateleiras, observando o que Pa havia escondido ali embaixo. Puxei uma garrafa. – Uau, Château Margaux, 1957. Isso vale mais de 2 mil dólares nos melhores restaurantes de Nova York. Pena que sou mais fã de vodca.

– Podemos voltar? Preciso dar uma olhada em Bear – disse Ally, lançando-me outro olhar de aviso.

– Me dê só mais alguns minutos – respondi, continuando a transitar pelas prateleiras, pegando garrafas e fingindo estudar seus rótulos enquanto me mantinha alerta o tempo todo para a porta escondida que Ally mencionara.

No lado direito do cômodo, identifiquei um Rothschild Burgundy de 1972 e as linhas quase invisíveis de uma abertura no reboco, atrás das prateleiras.

– Certo – falei, voltando-me para as duas. – Vamos embora.

Enquanto caminhávamos em direção ao elevador, notei que ele era forrado de aço sólido.

– Para que isso serve, Ma? – perguntei, apontando.

– Se você pressionar esse botão – Ma indicou um lado do forro –, ele fecha as portas de aço em frente ao elevador.

– Quer dizer que, se apertarmos agora, ficaremos presas aqui? – indaguei, meu pânico aumentando instintivamente.

– Não, claro que não, Electra, mas impediria outras pessoas de acessar a adega pelo elevador. É como um cofre – explicou ela enquanto nos apertávamos de volta no pequeno espaço. – Nada de anormal na casa de uma família rica que vive em um local isolado. Que Deus nunca permita, mas se um dia Atlantis for assaltada ou coisa pior, podemos nos esconder aqui e pedir ajuda. E, sim, *chérie* – Ma me deu um sorriso hesitante ao chegarmos ao primeiro andar –, há sinal de wi-fi lá embaixo. Agora – disse ela enquanto saíamos do elevador, voltávamos para a cozinha e eu observava onde ela pendurava a chave na caixa –, por favor, me perdoem, mas estou cansada e quero me deitar.



– A culpa é de Bear. Você está acordada desde as cinco, Ma. Vou cuidar dele amanhã de manhã.

– Não, Ally. Se eu dormir agora, ficarei bem. Acordo cedo de qualquer maneira. Boa noite.

Ela meneou a cabeça e saiu da cozinha.

– Vou subir para dar uma olhada em Bear – disse Ally, prestes a seguir Ma, antes de eu lhe dar um tapinha no ombro.

– Então por que não pega o elevador? – Tirei a chave do gancho e a balancei na frente de Ma. – Ele vai até o sótão. Tinha um botão para isso.

– Não, Electra, não preciso, obrigada.

– Como quiser. – Dei de ombros quando ela seguiu para as escadas.

Eu me servi de mais uma vodca com Coca-Cola, atravessei o corredor e abri a porta do escritório de Pa. Era como um museu vivo; parecia que ele tinha acabado de sair e voltaria em breve. A caneta e o bloco de notas ainda estavam no meio da mesa, tudo imaculado como sempre. *Ao contrário de sua filha caçula*, pensei, com um sorriso, sentando-me em sua velha cadeira forrada de couro. Estudei as prateleiras com livros alinhados ao longo de uma parede, levantei-me e fui pegar o grosso *Oxford English Dictionary* que eu usara tantas vezes quando menina. Um dia, cheguei e encontrei Pa sentado em sua cadeira fazendo palavras cruzadas em um jornal inglês.

– Olá, Electra. – Ele sorria ao olhar para mim. – Estou pelejando com esta aqui.

Eu tinha lido a pista – *elas baixam para dormir (9)* – e fiquei refletindo.

– Talvez “pálpebras”?

– Sim, claro, você está certa! Que garota inteligente.

A partir daí, durante as férias escolares, sempre que estava em casa, Pa me chamava em seu escritório, sentávamos juntos e fazíamos palavras cruzadas. Eu achava o passatempo reconfortante – ainda tinha o hábito de pegar algum jornal da sala de embarque enquanto esperava por um voo. A atividade também me deu um bom vocabulário em inglês, que eu sabia que surpreendia os jornalistas em entrevistas – todos eles presumiam que eu fosse tão superficial quanto a maquiagem que passavam na minha pele.

Guardei o dicionário de novo e estava prestes a sair da sala quando fui surpreendida pelo cheiro forte da colônia de Pa. Eu reconheceria aquele aroma fresco de limão em qualquer lugar. Um arrepio subiu pela minha espinha quando pensei no que Ally dissera sobre sentir que Theo estava por perto...

Estremecendo, saí às pressas do escritório, batendo a porta.

Ally estava de volta à cozinha, mexendo nas mamadeiras.

– Por que esse leite na jarra? – perguntei. – Pensei que você amamentasse o Bear.

– Sim, mas tirei esse mais cedo para que Ma possa dar mamadeira para ele amanhã de manhã.

– Eca. – Estremeci novamente enquanto ela despejava o leite em uma mamadeira. – Se eu tiver um filho, o que duvido, para começo de conversa, nunca ia conseguir passar por tudo isso.

– Nunca diga nunca. – Ally sorriu para mim. – A propósito, vi uma foto sua em uma revista há algumas semanas com Zed Eszu. Vocês estão juntos?

– Meu Deus, não – afirmei, enfiando os dedos na lata de biscoitos e pegando um amanteigado. – A gente sai de vez em quando em Nova York. Ou, para ser mais precisa, ficamos em casa.

– Quer dizer que você e Zed Eszu são amantes?

– Sim, por quê? Algum problema?

– Não, nenhum. Quer dizer... – Ally virou-se para mim, parecendo nervosa. – Eu...

– O quê, Ally?

– Ah, nada. Enfim, vou para a cama tentar dormir enquanto posso. E você?

– Eu vou também.

Só depois de tomar uma caneca da vodca que estava na minha bolsa e de ter me acomodado na cama da minha infância, sentindo-me deliciosamente tonta, foi que me lembrei do contorno da porta atrás da prateleira de vinhos no porão. Talvez eu devesse investigar...

– Amanhã – prometi a mim mesma, meus olhos se fechando.